

**V Jornada de
CARTEIS**
DA EBP SEÇÃO
LESTE-OESTE

O Cartel e a formação do analista

Convidada:

LAURA RUBIÃO

(DIRETORA DE CARTÉIS DA EBP)

Coordenadora Geral:

Tânia Regina A. Martins

EBP/AMP

Direção Geral:

Alberto Murta

AME EBP/AMP

COLETÂNEA nº9

28 e 29 de novembro

ON-LINE - TRANSMISSÃO ATRAVÉS DO ZOOM



COLETÂNEA n. 9

V JORNADAS DE CARTÉIS DA ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE SEÇÃO LESTE-OESTE

2025

Coletânea n. 9

Organizadora

RAFAELLA CUNHA (NPJ/EBP)

Comissão Editorial

ANDRESSA RIGUÊTE, FERNANDA ZIMMER, HÍTALA GOMES, JOÃO PEDRO NOWAK
RAFAELLA CUNHA - COORDENADORA, RAISSA MILHOMEM

Colaboradores

ADRIANA GONRING, ANNA ROGERIA OLIVEIRA (EBP/AMP), CLAUDIA MURTA (EBP/AMP)
RAFAELA OLIVEIRA (NPJ/EBP), ROSÂNGELA RIBEIRO (EBP/AMP)
TÂNIA REGINA ANCHITE MARTINS (EBP/AMP)

Projeto Gráfico e Editoração

BRUNO SENNA

Bibliotecária

ALESSANDRA PATTUZZO - CRB 752/ES

Capa

BRUNO SENNA

Imagem cedida por LUISA CARVALHO (NPJ/EBP)

Revisão

TÂNIA REGINA ANCHITE MARTINS (EBP/AMP), ANNA ROGERIA OLIVEIRA (EBP/AMP)
RAFAELLA CUNHA (NPJ/EBP), HÍTALA GOMES, JOÃO PEDRO NOWAK



Catálogo na Publicação (CIP)

C694 Coletânea n. 9: V Jornadas de Cartéis da Seção Leste-Oeste da Escola Brasileira de Psicanálise: o cartel e a formação do analista [recurso eletrônico] / Rafaella Cunha (Org.); Tânia Regina Anchite Martins (Coord.)...[et al.] – Brasília, DF: Escola Brasileira de Psicanálise Seção Leste-Oeste, 2025.
(Coletânea da V Jornadas de Cartéis da Seção Leste-Oeste da Escola Brasileira de Psicanálise: o cartel e a formação do analista; n. 9 / Vários autores).

100p.; il.; 32 cm.

ISBN: 978-85-89632-04-1

Modo de acesso: <<https://ebp.org.br/slo/jornada/coletanea-no9/>>

1. Psicanálise – Congressos. 2. Formação do analista. 3. Cartel. 4. Escola Brasileira de Psicanálise. 5. Lacan, Jacques. 6. Psicanálise de orientação lacaniana. VI. V Jornadas de Cartéis da EBP Seção Leste-Oeste. 4. Escola Brasileira de Psicanálise Seção Leste-Oeste. I. Martins, Tânia Regina Anchite (Coord.). II. Cunha, Rafaella (Org.) III. Escola Brasileira de Psicanálise. IV. Título.

CDD 150.195

Bibliotecária Alessandra Monteiro Pattuzzo Caetano - CRB 752/ES

Publicação digital - Brasil

1ª edição – novembro – 2025

ISBN: 978-85-89632-04-1

COLETÂNEA Nº 9

TEMA: O Cartel e a formação do analista.

Data: 28 e 29 de novembro de 2025

Modalidade on-line.

Coordenação Geral e Diretoria de Cartés e Intercâmbio:

TÂNIA REGINA ANCHITE MARTINS (EBP/ AMP)

Convidada

LAURA RUBIÃO

Diretora de Cartéis da EBP/AMP

DIRETORIA EBP SEÇÃO LESTE-OESTE

Diretor Geral

ALBERTO MURTA (AME EBP/ AMP)

Diretora de Secretaria e Tesouraria

JAQUELINE COELHO (EBP/ AMP)

Diretora de Biblioteca

ADRIANA PESSOA

CONSELHO DA EBP-LO

CRISTIANO ALVES PIMENTA (PRESIDENTE)

FÁBIO PAES BARRETO

GIOVANNA QUAGLIA (SECRETÁRIA)

ORDÁLIA ALVES JUNQUEIRA

RENATO CARLOS VIEIRA

ROSANGELA MARIA RIBEIRO

ORGANIZAÇÃO DAS V JORNADAS DE CARTÉIS DA EBP-LO

Direção Geral

ALBERTO MURTA

Coordenação Geral e Diretoria de Cartés e Intercâmbio:

TÂNIA REGINA ANCHITE MARTINS (EBP/ AMP)

Comissão Científica

ADRIANA GONRING

ANNA ROGERIA OLIVEIRA (EBP/AMP) - COORDENADORA

CLAUDIA MURTA (EBP/AMP)

RAFAELA OLIVEIRA (NPJ/EBP)

ROSÂNGELA RIBEIRO (EBP/AMP)

TÂNIA REGINA ANCHITE MARTINS (EBP/AMP)

Comissão de Divulgação

HÍTALA GOMES - COORDENADORA

RAFAELLA CUNHA (NPJ/EBP)

LEANDRO BORGES

LUISA CARVALHO (NPJ/EBP)

LUCAS FRAGA GOMES

VICTÓRIA BRAGA MAZZOCO

Comissão de Infraestrutura

ANDRESSA RIGUÊTE

IGOR NILTON

JOSÉLIA ALVES OLIVARI

LETÍCIA FERREIRA BRAGA

LÍVIA LOURES

RAQUEL ASSUMPTÃO

RENATA POZZATTO

RUSKAYA MAIA (EBP/AMP) - COORDENADORA

ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

CONSELHO DELIBERATIVO

ANA TEREZA DE FARIA GROISMAN

CARLA FERNANDES

CÉLIA SALLES

GRACIELA DE LIMA PEREIRA BESSA

LUÍS FRANCISCO ESPÍNDOLA CAMARGO

MARCIA APARECIDA ZUCCHI

MARIA JOSÉ GONTIJO SALUM - PRESIDENTE

NOEMÍ IBAÑEZ BROWN - SECRETÁRIA

TERESINHA NATAL MEIRELLES DO PRADO

VALÉRIA FERRANTI BAPTISTA

DIRETORIA

Diretor Geral

LUIZ FELIPE MONTEIRO

Diretora Secretária-tesoureira

FABÍOLA RAMON

Diretora de Cartéis e Intercâmbio

LAURA RUBIÃO

Diretora de Biblioteca

FLÁVIA CERA

Conselho Fiscal

LEONARDO MIRANDA

JACQUELINE COELHO

MARIA LÍDIA PESSOA



*Escola Brasileira
de Psicanálise*

Seção Leste-Oeste

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

9

Apresentação

Por Tânia Regina Anchite Martins

Diretora de cartéis da EBP-LO no biênio 2025 a 2027

Coordenadora das V Jornadas de cartéis da EBP-LO

INTRODUÇÃO

12

Introdução

Andressa Riguête, Fernanda Zimmer, Hitala Gomes, João Pedro Nowak, Rafaella Cunha, Raissa Milhomem

A FORMAÇÃO DO ANALISTA

18

O desejo do analista e a poesia: restos de um cartel

Gean Carlos Candido

20

Uma formação – uma experiência

Denizye Aleksandra Zacharias

23

Efeitos de formação do analista a partir de um testemunho de passe

Adriano Moreira

26

A Escola, o discurso e o jovem aluno

Cícero Dufrayer Chicon

29

Sobre o cartel e os efeitos da experiência NPJ

Daiane Ossuna Ribeiro Ruiz

32

O passe como caminho inédito para a transmissão da psicanálise . O que se pode extrair de sensível e consistente para o ponto final de uma análise?

Nadja Martins

34

O lugar da coletânea no movimento da Escola

Cléa Martins Machado de Oliveira

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS

37

O desejo do analista e a clínica com crianças na atualidade: considerações a partir dos estudos de um cartel

Juliana D. Passamani Romano

40

O desejo do analista e a clínica psicanalítica com as crianças

Fabiana Teixeira de Oliveira Westphal

43

A importância dos pequenos mitos na clínica infantil

Maísa Helena Lopes Rabelo

45 **O corpo que fala: das entrevistas ao sintoma na criança**
Sheila Cordeiro Souza Moreira

CORPO

49 **Hans e ter um corpo**
Tânia Regina Martins

52 **A mãe da devastação**
Patrícia Marinho Gramacho

55 **Eu, comigo mesmo na terceira pessoa do plural**
Marcelo Macaue

57 **Foraclusão, letra e invenção. A posição do secretário do alienado**
Leandro Borges

FANTASMA

60 **“Do ódio ao amor”**
Elisa Martins Uyttenhove

62 **Sobre lógica e nuances**
Lucas Fraga Gomes

64 **O ensino dos sonhos**
Randra Machado Gondouin

FEMININO

68 **Três mil anos de anseio**
Tânia Mara Alves Prates

71 **Das terras-pedras aos laços de uma sessão: coletânea**
Daniel Camelo Rancan

75 **Restos e seus usos**
Olenice Amorim Gonçalves

SINTHOME E FEMININO

79 **A mulher e a mãe: da frustração à devastação**
Hítala Gomes

82 **Sinthoma e feminino: algumas aproximações**
Anna Rogéria Nascimento de Oliveira

84 **Entre a falta-a-ser do sujeito e o gozo do corpo do falasser**
Rodrigo Oliveira dos Santos



LUTO

88

Celacanto provoca maremoto

Juliana Borges Naves

91

Inícios de uma topologia do impossível: o real, o luto e o espectro

Juan David Almeyda Sarmiento

94

arte como partenaire-síntoma

Stephanie Oliveira Boechat

97

PROGRAMA



APRESENTAÇÃO

Apresentação

Por Tânia Regina Anchite Martins
Diretora de cartéis da EBP-LO no biênio 2025 a 2027
Coordenadora das V Jornadas de cartéis da EBP-LO

O cartel e a formação do psicanalista foi o tema que escolhemos para estas Jornadas. Este é o tema da conferência de nossa convidada, Laura Rubião, diretora de cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise, assim como foi o que orientou a estratégia de trabalho que adotamos.

Provocar a elaboração é fazer falar, circular a palavra visando o real da questão que cada um introduz no cartel através de seu tema de trabalho, provocação que tenta fazer obstáculo a que o cartel se feche em um grupo.

O produto é próprio de cada um, é um não à aglutinação que a transferência, inclusive a de trabalho, provocaria. Por mais que o coletivo trabalhe no cartel, é interessante notar como o próprio faz manifestar, algumas vezes, é claro, e não são muitas, o singular que recorta o tema do cartel e extrai um produto.

Um cartel é uma experiência, e cada cartel é uma.

Em 1964, no Ato de fundação de sua Escola, Lacan propõe o cartel como uma das formas de assegurar o seu trabalho.

“Os que vierem para esta Escola se comprometerão a cumprir uma tarefa sujeita a um controle interno e externo. É-lhes assegurado, em troca, que nada será poupado para que tudo o que eles fizerem de válido tenha a repercussão que merecer no lugar que convier.”¹

Pensamos que uma Jornada de cartéis é um destino para o que se produz nos cartéis, e que ela testemunha a relação dos cartelizantes com o trabalho de Escola. Atualmente em nossa seção temos 26 cartéis inscritos, com diferentes percursos e teremos, portanto, textos também com diferentes estágios de elaboração.

Para a realização destas Jornadas contamos com o trabalho criterioso dos Mais Uns responsáveis pela seleção, aos quais pedimos que primeiro recebessem os textos e que pudessem trabalhá-los com os cartelizantes que se lançaram à escrita.

1 LACAN, J. Ato de fundação. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.p.229

Coube à comissão científica a leitura dos textos e o trabalho com eles para organizar as mesas simultâneas. Procuramos acolher com atenção cada texto que nos foi endereçado, e eles foram agrupados em mesas sob os temas: feminino, psicanálise com crianças, sintoma, formação e desejo do analista, corpo, luto e fantasma.

A coletânea cuidadosamente trabalhada pela comissão de publicação nos dá a oportunidade de reunir os produtos dos cartéis de nossa seção, inscritos no catálogo de cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise, que recolhemos nas V Jornadas de cartéis da Seção Leste Oeste da EBP.

Em nossas V Jornadas contamos também com o trabalho dedicado das comissões de divulgação, da qual nós pudemos ver o trabalho criativo e assíduo, no empenho vivo de estimular a participação na Jornada, e da comissão de infraestrutura cujo trabalho atencioso e a prontidão se estendem desde o início dos movimentos de preparação das Jornadas até após o encerramento. As comissões foram compostas pelos Mais Um e por cartelizantes de cartéis inscritos na Seção Leste Oeste da EBP que se prontificaram a ajudar. Desejo a todos nós um bom proveito deste trabalho.



INTRODUÇÃO

Introdução

Andressa Riguête
Fernanda Zimmer
Hitala Gomes
João Pedro Nowak
Rafaella Cunha
Raissa Milhomem

A comissão editorial da Coletânea 9 da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Leste-Oeste tem a honra de apresentar aos leitores esta publicação, fruto do trabalho dos cartéis em vigor no ano de 2025.

O tema das V Jornadas de Cartéis da EBP-LO, *O cartel e a formação do analista*, orienta esta coletânea. Jacques Lacan, em seu *Ato de fundação*^[1], propõe que o trabalho na Escola se dê por meio do cartel — um dispositivo de elaboração sustentado por um pequeno grupo, composto por no máximo cinco cartelizantes, sendo o *Mais um* responsável por selecionar, discutir e encaminhar o destino do trabalho de cada participante. Esse trabalho tem duração limitada a dois anos, ao fim dos quais o cartel se dissolve, preservando sua lógica de permutação. Lacan vai além: afirma que a própria adesão à Escola se dá por meio do cartel, destacando-o como fundamental na formação do analista.

Os textos aqui reunidos permitem acompanhar como os efeitos do trabalho em cartel incidem diretamente na formação do analista, revelando singularidades, impasses e elaborações que emergem desse dispositivo. A comissão científica organizou os trabalhos para serem debatidos em mesas de acordo com os eixos: **Formação do analista, Formação e desejo do analista, Psicanálise com crianças, Corpo, Fantasma, Feminino, Sinthome e feminino e Luto**. Para favorecer uma leitura fluida, a ordem dos textos na coletânea difere da sequência das apresentações realizadas durante as mesas.

As produções refletem os diferentes momentos de elaboração dos cartelizantes: há aqueles que iniciam sua pesquisa, outros que se encontram em pleno desenvolvimento, e alguns que já concluíram ou dissolveram seus cartéis. Essa diversidade evidencia o caráter singular de cada percurso de cada cartelizante.

Começamos pelos autores que, em suas produções, privilegiaram a temática sobre **a formação do analista**.

Gean Carlos, em *O desejo do analista e a poesia: restos de um cartel*, aproxima o gesto poético do desejo do analista, destacando o corte e o silêncio como condições para o surgimento do novo. Lê o cartel como espaço onde conceito e ritmo se encontram, produzindo restos que deslocam e trans-

formam. Afirmar que, como o poema, o cartel deixa resíduos fecundos, e é nesse intervalo entre fim e porvir que a experiência analítica continua a se escrever.

Denizye Zacharias, em seu trabalho intitulado *Uma formação – uma experiência*, abre o texto com uma inquietante afirmação de Lacan de que não há formação de analistas, há apenas formações do inconsciente. Segue ao longo do trabalho articulando elementos como o lugar da Escola, o discurso analítico, a formação do analista, o dispositivo do Cartel, a posição do Mais-um, o dispositivo do Passe e a transmissão da psicanálise. Traz fragmentos do passe de *Jacqueline Dhéret* para ilustrar os elementos apresentados anteriormente.

O endereçamento dos finais de análise à Escola e como eles se dão, **Adriano Moreira** parte dessa investigação em seu texto *Efeitos de formação do analista a partir de um testemunho de passe*, utilizando fragmentos de um testemunho de passe. Sua questão se inicia no cartel, ao perseguir através das leituras os impasses que se dão em uma análise. Adriano, faz amarrações com o “*nome de gozo*” e a fantasia fundamental elaborada pelo falasser, quando se depara com a angústia da inexistência da relação sexual. Elucidando a questão da fantasia edípica e sua importância na clínica.

Cícero Chicon, em *A Escola, o discurso e o jovem aluno*, questiona como evitar a captura pelo discurso do mestre moderno, identificado por Lacan como o discurso da universidade. O autor contrapõe esse modelo à proposta da Escola, onde o trabalho não deve ser alienado, mas sustentado pelo desejo do sujeito. Enquanto o aluno, no discurso universitário, repete e se submete ao saber, na Escola é convocado a colocar seu interesse em jogo e a não ceder à posição de sujeição ao saber.

Em *Sobre o cartel e os efeitos da experiência NPJ*, de **Daiane Ruiz** traz uma análise interessante e vigorosa da Nova Política da Juventude. É um texto que nos convida a refletir sobre os caminhos dessa Nova Política, apontando a juventude com ares de ousadia, criatividade e inventividade, e de certa forma, pitadas de impaciência e pressa, que por vezes podem ser apresentadas como tropeços em pedras no meio do caminho. De tropeço em tropeço, movimentos se constituem, servindo assim para mobilizar “tanto os que já têm muito tempo com a psicanálise como os que ainda, talvez, nem tenham dado partida no percurso.”

Nadja Martins reflete sobre o dispositivo do passe, proposto por Lacan, em seu texto *O passe como caminho inédito para a transmissão da psicanálise. O que se pode extrair de sensível e consistente para o ponto final de uma análise?* Traz o passe como uma radicalidade na formação do analista. Mais que um rito, é uma travessia pelo real, onde o sujeito inventa um modo singular de se sustentar. Interroga o que o passe produz, no sujeito e na Escola, como uma aposta em manter-se viva a ética e a invenção da psicanálise, diante do impossível de dizer.

Cléa Martins, em *O lugar da coletânea no movimento da Escola*, compartilha sua experiência como mais-um em um cartel, refletindo sobre a Coletânea. A partir de entrevistas com membros da EBP-LO, ela traça paralelos entre o funcionamento do cartel e da Coletânea, destacando a importância da transferência de trabalho para manter a Escola em movimento. Conclui-se que a Coletânea constitui um registro histórico da produção singular do ensino que circula na Escola.

Sobre o tema **Psicanálise com crianças.**

Juliana Passamani, em *O desejo do analista e a clínica com crianças na atualidade*, propõe uma leitura da criança como sujeito pleno na psicanálise contemporânea. Contrapondo-se à lógica pedagógica e médica, critica práticas adaptativas que silenciam o saber inconsciente. Destaca o desejo do analista como eixo ético da escuta, permitindo à criança falar, inventar e responsabilizar-se por seu saber. Seu texto afirma uma psicanálise viva, que resiste aos imperativos normativos da atualidade.

No trabalho de **Fabiana Westphal**, *O desejo do analista e a clínica psicanalítica com as crianças*, a autora escreve o texto com um olhar especialmente atento às angústias apresentadas por aqueles que levam as crianças ao analista. Nas palavras da autora: “Mas qual é, afinal, o papel do analista na clínica com a criança? É sustentar uma escuta que não busca apagar o sintoma, mas reconhecê-lo como tentativa singular de inscrição na linguagem, frente ao Outro.”

Maísa Helena, em *A importância dos pequenos mitos na clínica infantil*, nos mostra como Hans, por meio de pequenos mitos (mitemas), consegue passar do imaginário ao simbólico, elaborando a castração. Para Lacan, essas narrativas funcionam como suportes simbólicos para lidar com a angústia e a diferença sexual. Também nos mostra, por meio de uma vinheta, como que na clínica infantil tais criações revelam o processo simbólico em ato no desenvolvimento do sujeito.

Sheila Cordeiro, em *O corpo que fala: das entrevistas ao sintoma na criança*, traz um relato clínico de uma paciente de 3 anos com sintomas no corpo. Demonstra com este caso como o corpo é atravessado pelo discurso do Outro e questiona como o analista pode intervir frente a esse sintoma. Pela transferência, a criança tem a possibilidade de deslocar o sintoma no corpo e dar a ele um estatuto de palavra.

Sobre a temática referente ao **corpo**.

Tânia Martins, em *Hans e ter um corpo*, trabalha três formas de se construir um corpo. Enfatiza, a partir do caso Hans lido por Lacan no Seminário 4, o caráter traumático da sexualidade e do gozo fálico como um gozo que constitui um corpo ao mesmo tempo em que é fora do corpo.

Patrícia Gramacho em *A mãe da devastação*, faz um recorte clínico do atendimento de uma pré-adolescente. Em seu trabalho, mostra de uma maneira muito precisa como o discurso e o desejo dos pais afetam diretamente a filha. E, ainda, como através da análise é possível operar uma separação necessária entre os corpos familiares.

Marcelo Macaue nos traz em *Eu, comigo mesmo na terceira pessoa do plural*, uma reflexão sobre o corpo como espaço de perdas, reconstruções e desejos, comparando-o à arte que tenta reparar o que falta. O corpo é visto como efeito simbólico, dividido entre o real, o imaginário e o simbólico, na tentativa de dar sentido ao que escapa e desestabiliza.

O texto, *Foraclusão, letra e invenção. A posição do secretário do alienado*, de **Leandro Borges**, percorre a formulação lacaniana “secretário do alienado” como o modo de escuta da clínica das psicoses. O autor nos conduz a uma clínica da letra, onde sua função não é interpretar, mas oferecer-se como suporte da escrita do sujeito na tarefa de dar forma ao que o habita.

Em seguida, sobre o tema **fantasma**.

O texto do *Ódio ao Amor*, por **Elisa Martins Uyttenhove** nos apresenta um caso clínico onde o analisante “supõe ser colocado em posição de objeto pelo Outro, com a diferença de que, ao sentir-se intimidado, surge o ódio articulado à construção da fantasia do Outro como rival.” Neste trabalho, aponta a direção do tratamento para além da fantasia e discorre clinicamente sobre os processos de alienação e separação propostos por Lacan.

Em seguida, em *Lógica e Nuances*, **Lucas Fraga** discute a relação lógica entre sujeito barrado e o objeto a, e a tensão entre a precisão lógica e as nuances que se apresentam em uma análise, mostrando que essa formalização inaugura o esforço de Lacan em pensar, logicamente, a travessia da fantasia e a relação estrutural entre sujeito e objeto.

Finalizando essa temática sobre o fantasma, **Randra Gondouin** em *O ensino dos sonhos*, parte de uma investigação dos sonhos nos testemunhos de AE, com a hipótese de que eles aparecem como fragmentos que condensam restos e revelam as mudanças na posição do sujeito frente ao objeto. Dessa maneira, ela aponta como o sonho revela sua potência, que vai além de um enigma a ser decifrado.

Sobre o tema **feminino**.

Tânia Prates, em *Três mil anos de anseios*, articula o filme “*Three Thousand years of longing*”, dirigido por George Miller em 2022 ao *O Seminário, Livro 20: mais, ainda* de Jacques Lacan. A partir da questão: “o que é o amor?”. O tema amor é trabalhado em sua relação com o gozo e o saber a partir das situações interessantíssimas retratadas no filme. A autora traz em Lacan “o amor cortês é a tentativa de ultrapassar o amor narcísico [...] só que existe a outra vertente, a relação da sublimação com a obra de arte”. E deixa o convite para apreciar este filme.

Daniel Rancan em *Das terras-pedras aos laços de uma sessão: coletânea*, produz um texto com múltiplas articulações, para tentar responder à pergunta “Coletânea, significante que faz laço?”. O autor propõe que “A palavra coletânea é um substantivo feminino, a ideia deste trabalho é localizar COLETÂNEA como um significante no âmbito da seção Leste/Oeste e acompanhar o laço que esse cria no espaço da seção, assim como na relação da seção com a escola.”

O texto de **Olenice Amorim**, intitulado: *Restos e seus usos*, parte de sua questão sobre o que acontece durante a análise. Para isso, ela investiga alguns testemunhos de passe, na tentativa de localizar os restos e o que cada um faz com isso que foi extraído. Nessa empreitada ela avança pelos testemunhos de Marina Recalde, Sérgio de Mattos e Leda Guimarães.

Seguindo entre **Sinthome e feminino**.

Hítala Gomes, em *A mulher e a mãe: da frustração à devastação*, analisa como a maternidade toca o real da feminilidade, revelando impasses entre o falo que falta e o filho que o substitui. Articulado Freud, Lacan, Miller e Brousse, mostra como ideais sociais e exigências capitalistas atravessam o ser-mulher, expondo o corpo e o gozo à angústia. Defende que, diante do impossível da maternidade, cada mulher precisa inventar uma resposta singular frente ao real.

Com **Anna Rogéria** em *Sinthoma e feminino: algumas aproximações*, vemos a aproximação do feminino com o sinthoma, articulado ao último e ultimíssimo ensino de Lacan, o que foi possível através do seu percurso no cartel. A autora lança a luz o real da letra para promover a distinção entre sintoma-letra e sintoma-metáfora. Enquanto o sinthoma, é colocado como um fazer com aquilo que resta em análise. O ultimíssimo ensino de Lacan entra em cena no texto para tratar do gozo feminino como não-todo-fálico, como aquilo que escapa à linguagem, a significação.

Rodrigo Oliveira em *Entre a falta-a-ser do sujeito e o gozo do corpo do falasser*, retoma o trabalho que Lacan desenvolve em torno da linguística, e aponta para a relação da letra com a falta-a-ser. Além disso, faz uma aproximação da psicanálise com a filosofia, ao mostrar como o discurso de Lacan sobre o valor de velamento/desvelamento da letra, se aproxima do que Heidegger trabalha como desvelamento do ser. Já o corpo entra no ensino do Lacan como gozo dos objetos *a*, e o corpo passa a se constituir como parceiro-sintoma.

E, para finalizar a sequência de trabalhos, seguem as produções referentes à temática do **luto**.

Juliana Naves, em *Celacanto provoca maremoto*, aborda a morte como experiência-limite onde o simbólico falha e o real irrompe. A partir de uma lembrança infantil, propõe uma metáfora da impossibilidade de representar a morte. Com Freud e Miller, pensa o luto como uma série de separações que constituem o sujeito, articulando nascimento, desmame e análise como experiências de perda. Defende que o fim da análise não leva a um saber, mas à desalienação radical: uma assunção lógica da morte que transforma o impossível em linguagem.

Juan David, em *Inícios de uma topologia do impossível: o real, o luto e o espectro*, aborda o luto como experiência-limite em que o sujeito se confronta com o impossível do real. Com base em Freud, Lacan, Recalcati e Derrida, propõe uma topologia onde o fantasma opera entre o simbólico e o real, convocando à elaboração. O luto é pensado, então, não como superação, mas como um trabalho ético e contínuo que dignifica o resto que insiste em busca de sentido. É sobre o impossível do Real que não se apaga que Juan indica uma metabolização em palavra e memória.

Por fim, **Stephanie Boechat** em *Arte como partenaire-sintoma* interroga a possibilidade de pensar a arte como parceiro-sintoma, aproximando Amaranta, personagem de *Cem anos de solidão*, de James Joyce. Após o encontro com o impossível do sexo e sua negação, Amaranta confecciona sua própria mortalha e transforma sua relação com a morte, assumindo-a como matéria-prima da vida. A autora conclui que o fazer artístico permite elaborar o sintoma e desmamar o sujeito do sentido, posicionando a arte como parceiro, objeto *a* e causa de desejo.

Esses são os produtos de cartéis que serão apresentados nas V Jornada de Cartéis da EBP-LO! Que esses escritos possam ressoar o desejo de saber de cada um que sustenta a psicanálise a avançar.

Desejamos uma boa leitura!

REFERÊNCIAS

[1] LACAN, J. Ato de fundação. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p.235



A FORMAÇÃO DO ANALISTA

O desejo do analista e a poesia: restos de um cartel^[1]

Gean Carlos Candido
geancandidopsic@gmail.com

Ao longo de dois anos, este cartel se sustentou a partir de uma questão: investigar, pelo viés da psicanálise, aquilo que resiste ao sentido, aquilo que nos convoca e nos desloca. Hoje, ao final de nosso percurso, proponho articular o desejo do analista à poesia, como uma forma de pensar o que resta e o que se inaugura com o término de um cartel.

O desejo do analista, como nos aponta Lacan, não se confunde com o desejo pessoal, tampouco com uma intenção consciente de cura. Trata-se de uma função, uma posição ética diante do sujeito e de sua fala. Diferentemente do desejo neurótico, que sempre se endereça a um objeto impossível de obter, o desejo do analista se mantém intransitivo: não é “desejo de” algo, mas uma posição que sustenta o vazio. Não se confunde com um querer pessoal, mas se coloca como abertura, deixando-se atravessar pelo desejo do Outro, isto é, pelo campo da linguagem e do inconsciente, onde o sujeito pode se reinscrever.^{[2][3]} Essa estrutura encontra ressonância na poesia. A poesia não se reduz ao ornamento ou à estética do dizer. Ela emerge quando a linguagem falha em sua pretensão de totalizar, quando a palavra, em vez de capturar o real, tropeça nele e o faz ressoar. É nesse hiato entre a letra e o indizível que a poesia se escreve, bordejando o impossível sem jamais saturá-lo. Como o analista, o poeta se oferece a esse lugar de abertura: sustenta a palavra até que dela se desprenda um resto, algo que toca e desloca.^[4]

Talvez seja por isso que Lacan, em seus últimos seminários, tenha se voltado tantas vezes para a poesia. Porque o poema, assim como a psicanálise, não visa comunicar um sentido pleno, mas provocar um efeito — efeito de estranhamento, de deslocamento, de invenção. O poema não explica, ele faz existir um vazio que nos força a criar.^[5]

Durante esses dois anos, nosso cartel funcionou também como espaço poético. Não no sentido de uma produção literária, mas como lugar em que a palavra foi colocada em trabalho, em que o rigor do conceito se deixou acompanhar pelo ritmo, pelo corte, pelo silêncio. Cada intervenção, cada leitura, cada discussão carregava algo desse gesto poético: sustentar a falta, permitir que o saber se fragmentasse e que, nesses fragmentos, emergisse algo novo.

E se o cartel se dissolve agora, ele não se fecha. Tal como um poema, ele deixa restos. Restos de leituras, restos de encontros, restos de experiências que não se encerram com o término formal do grupo. Porque, afinal, a experiência do cartel não é acumulativa, mas transformadora: não produz um saber inteiro, mas abre uma fenda, desloca, inscreve marcas.

Encerramos, então, este cartel como quem encerra um poema: não com um ponto final, mas com uma suspensão. O desejo do analista e a poesia nos ensinam que a conclusão nunca é total, e que é justamente nesse intervalo — nesse espaço entre um fim e o que ainda pode vir — que algo pode se escrever de novo.

REFERÊNCIAS

^[1]Cartel: O Desejo do analista. Cartelizante: Ordália Alves Junqueira (GO), Mais-Um, Fabiana Teixeira de Oliveira Westphal (ES), Gean Carlos Candido (GO), Juliana D. Passamani Romano (ES), Maria Nazaré Mangabeira Pereira Filha (PA) e Robson José da Silva Campos (MG).

^[2]LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

^[3]LACAN, J. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

^[4]LACAN, J. *O seminário, livro 23: O sinthoma* (1975-1976). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

^[5]Idem.

Uma formação – uma experiência^[1]

Denizye Aleksandra Zacharias
denizyez@gmail.com

O título do meu trabalho é uma inquietante questão colocada por Lacan^[2] ao afirmar que não há formação de analistas, apenas de inconsciente. Frase enigmática que nos coloca a trabalho, e elegê-la como ponto de partida para uma escrita sugere um caminho a ser percorrido.

Primeiramente, é fundamental situar a Escola como experiência lógica que diz respeito ao discurso analítico e não a qualquer outro discurso, pois a Escola deve ser pensada em relação à sessão analítica. Nesta perspectiva, pode-se pensá-la como o lugar do sujeito do inconsciente, um saber sempre à espera de realizar-se, nomeado por Miller^[3] como inconsciente interpretação.

A Escola, assim como a sessão, institui o discurso analítico por meio de um movimento descontínuo e de acontecimentos de interpretação singulares, cujos efeitos se constituem em saber e, a partir daí, uma doutrina. A formação, portanto, é uma relação solitária com a psicanálise que se prolonga a partir da experiência da sessão analítica.

Em segundo lugar, para garantir a seriedade e o rigor, o trabalho na Escola é concebido para ser realizado em cartéis, pequenos grupos de trabalho. Esse dispositivo inventado por Lacan veio para favorecer um meio e um lugar no cerne da formação e da experiência de Escola. O cartel funciona como uma máquina de guerra destinada a neutralizar a inclinação mais automática e rotineira da vida institucional, sendo uma válvula indispensável com uma lógica móvel, porque permite aberturas, fechamentos, circulações, e cria condições para o surgimento do encontro e da surpresa.

A posição do Mais-um, no cartel, ao garantir o furo no saber, alinha-se diretamente com o anseio de ex-sistir, que é o desejo de estar à parte, fazendo prevalecer a singularidade na execução do trabalho. Como Miller^[4] assinalou, a prática do cartel como máquina de guerra foi usada para tratar o parasita da cola, que é o oposto da ex-sistência. O Mais-um, ao exercer sua função de extimidade, esvazia os processos identificatórios e atua contra o risco de identitarismo.

A importância do Mais-um reside em seu ato provocativo na investigação, instigando a busca de saber e a extração de um saber singular da produção de cada um. Ao limitar o todo, o Mais-um assegura que a estrutura do cartel procura preservar o vazio que funda um saber inédito. Assim, o dispositivo do cartel, garantido pelo Mais-um, funciona como um antídoto poderoso e preciso contra o isolamento, a dispersão e a segregação — flagelos da subjetividade da época que a Política da Escola, no que se refere à formação do analista, visa abordar, assegurando que o múltiplo não esteja separado do Um da Escola, mas sim sustentado pelo real.

O Passe e a Transmissão: O interesse da psicanálise pelo estilo se opõe à padronização da formação do analista. A política do passe na escola lacaniana pressupõe que se transmita um estilo como um signo da entrada no discurso analítico. Transmitir a psicanálise só se torna possível pela via de um estilo, que revela um saber fazer com o inconsciente. O estilo dos Analistas da Escola (AE) ensina como a causa impossível de nomear continua a produzir efeitos não repetitivos. Portanto, o estilo, para a psicanálise lacaniana, é a marca singular de um gozo, o indecifrável que desliza no discurso, e que emerge como o resultado inimitável de uma análise. O estilo é um efeito da passagem de analisante a analista, sustentado pelo ato analítico, que resiste à ordem simbólica e é impossível de ser imitado. Estilo como Saber Fazer (*savoir-y-faire*). Assim, a formação implica uma passagem de um Outro consistente para um Outro inconsistente. O estilo é o “saber fazer” com o sintoma ou com o incurável de cada um, o que permite ao analista sustentar seu ato. O estilo é o modo de dizer de forma nova o objeto causa.

Para ilustrar, trago o passe de Jacqueline Dhéret: “Mais um passo”^[5]. É crucial para a formação do analista, segundo Jacqueline, um pedido ativo e uma decisão sem precedentes. Ela descreve o passe como um “salto no vazio” que levou o sujeito a se reduzir à causa que o anima, e afirma que o ato analítico foi o que a permitiu arrancar um ditado do inaudível, superando o gozo mortificante e permitindo que o corpo ganhasse vida.

Inicialmente, a superação do limite da decifração: Uma primeira experiência do passe revelou que a queda das identificações não era suficiente para “saber fazer sem o ideal”. Sua paixão por decifrar havia encontrado um limite. O Ponto de Fixação do Gozo foi o momento crucial da passagem, quando a analisante conseguiu engancha o ponto de fixação de um gozo que não tinha passado ao semblante. Ela tentou identificar suas “pequenas e velhas soluções de gozo” que mantinham um vínculo obsoleto com o pai sob a forma de tristeza, que ela qualificou como melancólicas.

Mas foi a sonoridade real: este ponto de fixação não era uma voz, mas sim uma sonoridade. Tratava-se do ruído feito pela avó quando, acreditando que a criança estava dormindo, apagava secretamente o fumo. A Holófrase, este real, em sua *lalangue*, pôde ser denominado “tabacapriser”. Essa sonoridade se condensou em torno de três significantes organizados em um paradigma fonatório. A análise deslocou essa *lalangue* para o lado da linguagem, forçando a “carta a transmitir sua sensação de prazer”.

O ato analítico conseguiu frustrar o gozo pela repetição do significante que mortifica. O que emergiu foi a dispersão de pequenos ruídos. Este encontro aleatório não foi uma repetição do ponto fixo do gozo, mas sim um “dizer adicional, arrancado do inaudível” e do limite da linguagem, sem vínculo com o código. Cito: “Isso permitiu apoderar-se dessa marca e destacá-la do sintoma. A angústia não se extingue, mas muda de estado e torna-se mais leve: desta vez emerge do infinito convocado por esta cicatriz indelével e decisiva, que constitui a finitude deste sujeito”.

REFERÊNCIAS:

^[1] Cartel: O ensino da psicanálise e a formação do analista. Cartelizantes. Marina de Araújo F. Ladeira. (MG), Marina Vasconcelos Cursino (PE), Cristina Duba (Membro EBP/AMP), Maria Cecília Ferretti(AME membro EBP/AMP) e Denizye Zacharias (Mais-Um membro EBP/AMP).

^[2] LACAN, J. *Congresso da Escola Freudiana de Paris*, na cidade francesa La Grande-Motte, 1973.

^[3] MILLER, J.A. *Teoria de Turim sobre o sujeito da Escola*. Em: Santiago, A.L. (Org.). *A fábrica de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2025. pp.35-47

^[4] MILLER, J.A. *O cartel no centro de uma escola de psicanálise*. Em: BROWN, Nohemí (Org.). *Cartel, novas leituras*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise. 2021. pp.19-29

^[5] DHÉRET, J. *Mais um passo*. Revista Freudiana n.93, 2020.

Efeitos de formação do analista a partir de um testemunho de passe^[1]

Adriano Moreira
f.psi@hotmail.com

Em nosso cartel *Aposta no Passe*, onde estudamos o testemunho daqueles que endereçaram seus finais de análise à Escola, escolhi pensar o passe de Lêda Guimarães e o que ele me provocou. O interesse inicial neste testemunho foi a questão em torno do significante mundana, o nome de gozo dado por Lêda, que não deve ser confundido com a fantasia fundamental, sendo esta condensada na frase “entre a vida e a morte”^[2], frase que sustentava a sua posição de objeto a para o Outro. O que Lêda chama de fantasia fundamental no livro *Uma mulher e um homem depois de uma análise* é também chamada por ela de “defesa fundamental” no livro *Aposta no passe*^[3], visto que a fantasia fundamental é também uma defesa fundamental elaborada pelo falasser frente sua angústia diante da inexistência da relação sexual.

Lêda, em seu passe, articulando o real do pai, como instância repressiva e moralizante, é incisiva ao destacar a necessidade da “quebra da ferocidade superegóica que incide sobre o gozo feminino”^[4]. Em seu testemunho, relata a fantasia perversa de caráter edipiano “de se fazer uma exceção à lei da castração”^[5], relatando também a culpa relativa a suas fantasias incestuosas^[6], culpa feroz e avassaladora. Ela aponta o gozo do supereu como “uma satisfação mortificante em degradar-se como mulher”^[7]. Mundana foi o nome singular do supereu de Lêda, transformado em *nome de gozo*, para depois emergir na função de letra, a saber, um significante que nada significa. Lêda enuncia para si mesma: “Sou assim, Mundana, gosto de ser assim”^[8]. Me chama a atenção esse nome de gozo como função de letra, pois com o tempo, o nome Mundana foi perdendo a importância para Lêda, permanecendo apenas como lembrança de seu fim de análise, já que agora perdera o interesse em nomear o que não há como ser nomeado: o real de sua sexualidade^[9].

Depois de seu fim de análise, Lêda observou que o homem que a conectava com o seu gozo era aquele que trazia “um traço sexual perverso do pai presente em sua estrutura subjetiva”^[10], o “real do pai”, que não correspondia nem ao pai simbólico e nem ao pai imaginário. No caso de Lêda, o homem que a conectava ao seu gozo funcionava como o “ao menos Um” das fórmulas quânticas da sexualização. Ela afirma:

Constatei, assim, a consistência de uma proposição de Freud, na qual ele formulava que para uma análise ser concluída é necessário que o homem admita que desejou ter relações sexuais com sua mãe e com sua irmã. O que quer dizer que a sexualidade se alimenta de sonhos perversos, que nascem e florescem a partir de inspirações fundamentalmente incestuosas^[11].

E assim, Lêda coloca o seu erotismo ao lado de inspirações perversas que possui o real do pai como centro. Esse gozo, que Lêda classificou inicialmente como abjeto^[12], ao mesmo tempo que humano, a posicionava como objeto dejeito, o que se espalhava por todas as instâncias de sua vida pela via de um supereu implacável. Há um momento de impasse, um abalo na transferência com o analista, o destituindo da função de sujeito suposto saber, pois que se viu diante da ausência de qualquer garantia no saber do Outro, o que a faz não esperar mais nada da análise. Foi um ato analítico que reconectou Lêda com seu analista e, por efeito, com a psicanálise: o analista soube sustentar seu desejo de analista. A sustentação ética do desejo do analista provoca nela a transição da posição depressiva para uma posição desejante que deseja saber o que se produz em um final de análise.

Quando constata o sadismo como traço em um homem para tentar fazer existir a relação sexual, ela barra em si, pela via da ética, o sadismo em relação ao parceiro sexual, impedindo-a de gozar masoquisticamente do sadismo do parceiro^[13], estabelecendo uma posição ética de rejeição, a rejeição em sua estrutura ao traço perverso do pai através de sua posição ética de dignidade.

O testemunho de Leda me auxiliou, de certa forma, com a minha questão de início de entrada no cartel, a saber, os impasses de uma análise. O passe de Lêda, situando a questão da devastação e também a perversa fantasia edípica, esta última no centro de uma análise, me alertou quanto à importância da tratativa dessa fantasia, a edípica, que está sempre velada em uma análise. Observo na clínica como os afetos incestuosos devem ser tratados com minuciosa delicadeza, para que não se torne insuportável para o falasser a verdade que se desvela. Diretamente ligado a esse ponto, mas também estando presente de maneira singular, mas sempre mortificante, o tratamento que se deve direcionar ao supereu. Certa vez, minha analista me disse em uma sessão: “o supereu é muito forte, por isso ele é chamado de super”. Esse herdeiro do Édipo fortalece o que Lêda chama de defesas obsessivas, o que não significa as defesas de determinada estrutura, como a obsessiva, por exemplo, mas as defesas do supereu que se coloca como um obsessivo, afinal, o supereu é um obsessivo. Lidar com essas defesas constitui um desafio no percurso de uma análise.

Lêda aponta ainda a importância ética de se sustentar o desejo do analista. Dessa forma, observo o quanto um testemunho de passe tem a contribuir para a formação do analista.

REFERÊNCIAS

- [1] Cartel: Aposta no Passe. Cartelizantes: Sérgio de Mattos (MG), Mais-Um. Adriano Moreira (ES), Nadja Martins (ES), Olenice Amorim (ES), Randra Gondouin (ES).
- [2] GUIMARÃES, Lêda; SALAMONE, Luis Darío. *Uma mulher e um homem depois da análise*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2016, p. 13.
- [3] MILLER, J-A. *Aposta no passe: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da Escola Brasileira de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018, p. 149.
- [4] GUIMARÃES, Lêda; SALAMONE, Luis Darío, op cit. p.11.
- [5] MILLER, op cit. p. 150.
- [6] GUIMARÃES, Lêda; SALAMONE, Luis Darío, op cit. p. 15.
- [7] Ibidem, p. 16.

^[8] Ibidem, p. 18.

^[9] Ibidem, p. 20.

^[10] Ibidem, p. 22.

^[11] Ibidem, p. 24.

^[12] MILLER, op cit. p. 150.

^[13] GUIMARÃES, Lêda; SALAMONE, Luis Darío, op cit p. 30.

A Escola, o discurso e o jovem aluno^[1]

Cícero Dufrayer Chicon
cicerochicon@hotmail.com

“O discurso está ligado aos interesses do sujeito”.^[2]

Lacan, ao falar dos discursos no seminário 17, aponta a função de dominância do discurso do mestre, bem como do discurso universitário, que se refere como discurso do mestre moderno. Ele aponta que seu ensino, na universidade, acaba caindo nesse segundo discurso, e diz que a função de quem ensina sempre cai em um lugar de prestígio.^[3] Na tentativa de sair desse discurso, acaba-se voltando para ele.^[4] Qual seria então a alternativa?

Primeiro, é interessante notar que Lacan coloca uma posição da universidade, e não de sua Escola, mas deixa evidente: o que o salva de seu ensino é o ato.^[5] Vemos aqui um lugar de ensino fora dessa articulação de poder, o agente no discurso do analista é o objeto a, mais opaca, com efeito de rechaço ao discurso.^[6] Dito de outra forma, o avesso do discurso do mestre é a psicanálise, que se posiciona no polo oposto da vontade confessada de dominação, alertando que é sempre mais fácil voltar para o discurso da maestria, uma vez que “um discurso é aquilo que ele confessa querer dominar”.^[7]

Ou seja, é sempre mais fácil se voltar para dominação, ou se sujeitar a seu discurso. O discurso do mestre sustenta o trabalho, e os trabalhadores, explorados ou não, horam-se do trabalho.^[8] No discurso da universidade, o aluno, no lugar de aborto, produz apenas repetição. Aqui, o aluno segue o imperativo de continuar a saber, produzindo docentes.^[9]

Veja que no Ato de Fundação, Lacan, quando fala sobre a produção de trabalho, fala sobre trabalhadores decididos,^[10] e não alienados, que a psicanálise é didata pelo querer do sujeito, aproximando do desejo^[11] e não produzindo docentes. A transferência de trabalho^[12] é diferente do imperativo de produção, a Escola é para aqueles que ponham a prova seu interesse,^[13] é entrar com seu desejo no movimento da Escola. No discurso do analista, o próprio objeto está no lugar do mandamento, como causa de desejo, o analista é o “ponto de mira”.^[14]

De toda forma, é sempre mais fácil para os alunos^[15] se submeterem ao discurso da dominação e, ao se deparar com uma escola, é mais fácil se colocar no discurso na posição de abortado, e ao medir a distância do seu Ideal para Escola,^[16] só veja o que sua repetição o permite: uma distância entre aluno e professor. Lacan em Ato de Fundação fala que o analista pode querer uma garantia, mas não é esse tipo de garantia que a Escola oferece, apenas uma garantia de formação.^[17] O reconhecimento dos alunos vem de seus próprios trabalhos,^[18] caso mereçam, não existe pagamento ou certificado.

É mais cômodo para o aluno ficar sujeitado ao saber,^[19] colocando-se como resto de um discurso dominante, uma posição forjada. Mas essa ideologia de supressão do sujeito, que o reduz a ideia de sua dúvida e

assim o torna manipulável, característico da ciência,^[20] passa longe do que é a Escola. Uma Escola, que não é uma escola, que avança na solidão de um sujeito,^[21] e não na formação de grupos de alunos.

Não devemos confundir escolha forçada^[22] com ausência de escolha. Para estar em qualquer discurso, escolhe-se estar nele, cabe ao sujeito quando se dirige a Escola se responsabilizar por sua escolha. A Escola como um significante Ideal para cada um^[23] serve como balança de movimento, e cada um, em sua solidão, medirá sua distância em relação ao significante.

Quando Miller diz que a Escola é um momento de espírito objetivo da psicanálise, alerta para que os que não creem nisso não entrem em uma Escola.^[24] Tudo que se passa na Escola é do âmbito analítico,^[25] mesmo que o discurso gire, ele retorna ao discurso analítico. Colocar a Escola em outro discurso, é destituí-la: “a Escola deve preservar sua inconsistência como seu bem mais precioso, seu *agalma*.”^[26]

REFERÊNCIAS

- [1] Texto lido e discutido em Cartel da NPJ – Título do Cartel: O ensino da psicanálise e a formação do analista; Pesquisa individual: Os efeitos dos diferentes discursos na Escola; Data de início: 30/10/2023; Rubrica: Política; Modalidade: Inter-Seções; Participantes: Andréa Eulalio (Membro EBP/AMP, Seção Rio), Angélica Bastos (Membro EBP/AMP, Seção Minas), Cícero Dufrayer Chicon (participante NPJ, Seção Leste-Oeste), Elisa Alvarenga (Membro EBP/AMP, Seção Minas) e Erick Leonardo Pereira (participante NPJ, Seção Nordeste) - mais-um.
- [2] LACAN, J. *Seminário 17*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 97.
- [3] *Ibidem*, p. 43.
- [4] *Ibidem*, p. 67.
- [5] LACAN, J. *Outros escritos*. Alocução sobre o ensino. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 309.
- [6] LACAN, J. *Seminário 17*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 44.
- [7] *Ibidem*, p. 72.
- [8] *Ibidem*, p. 178.
- [9] *Ibidem*, p. 110.
- [10] LACAN, J. *Outros escritos*. Ato de fundação. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 239.
- [11] *Ibidem*, p. 240.
- [12] *Ibidem*, p. 242.
- [13] *Ibidem*, 2003, p. 246.
- [14] LACAN, J. *Seminário 17*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 112.
- [15] LACAN, J. *Outros escritos*. Alocução sobre o ensino. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 302.
- [16] MILLER, JA. *Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola*. Opção Lacaniana, novembro 2016, n21, p. 10.
- [17] LACAN, J. *Outros escritos*. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248.
- [18] LACAN, J. *Outros escritos*. Introdução de Scilicet no título da revista da Escola Freudiana de Paris. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 296.
- [19] LACAN, J. *Outros escritos*. Radiofonia. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 432.
- [20] *Ibidem*, p. 437.
- [21] MILLER, JA. *Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola*. Opção Lacaniana, novembro 2016, n21, p. 05.
- [22] *Ibidem*, p. 08.
- [23] *Ibidem*, p. 10.

^[24] Ibidem, p. 11.

^[25] Ibidem, p. 12.

^[26] Ibidem, p. 13.

Sobre o cartel e os efeitos da experiência NPJ^[1]

Daiane Ossuna Ribeiro Ruiz

daaianeribeiro@gmail.com

Começar algo novo é dar um passo em direção ao futuro. É quase determinar que haverá um futuro. Com seu olhar visionário para o que será da Orientação Lacaniana, Miller percebeu que a Escola estava envelhecendo e que não era por falta de jovens interessados na psicanálise, mas pela falta de intenção deles em se vincularem à escola de Lacan. Assim, surge a Nova Política da Juventude.

A ordem veio e cada Escola, a seu modo, a executou. A EBP levou com disciplina exemplar, revisou currículos, entrevistou um a um e listou quarenta e nove jovens como “aptos” a participar da Nova Política da Juventude. O que se viu como efeito dessa imposição vinda de ninguém menos que Miller – talvez o primeiro jovem que conquistou Lacan – é que o trabalho de Escola precisava também de *upgrades*.

Uma Nova Política da Juventude implica que houve uma anterior. Quando? Quando foi que os candidatos a membros da Escola passaram a envelhecer na espera de se tornar um? Há um pensamento de que só é membro quem tem muitos anos na psicanálise? Quanto tempo é muito tempo? Quanto tempo é necessário para que alguém se sinta “pronto”? Quando foi que idade virou pré-requisito para a experiência com a psicanálise? Que uso estamos fazendo do tempo cronológico?

Miller^[2] em sua Carta à Escola Brasileira de Psicanálise, orientou que “uma Escola é feita para durar, e é um organismo muito vasto e complexo. Não se pode conduzi-la com golpes bruscos no volante; tampouco se pode deixá-la estagnar: se ela deixa de avançar, vai regredir”. Acredito que pela fé nessa mensagem de Miller é que foi possível dar continuidade a esse experimento.

Desejo de analista e desejo de Escola

Fazer um cartel com quatro pessoas mais um, com tema em comum e com transferência de trabalho anterior já é muito difícil de sustentar e fazer acontecer... imaginem, então, um cartel com pessoas de diferentes lugares do Brasil, com um tema pré-definido por um Outro. Aqui ter desejo de (fazer) Escola foi inegociável para cada um dos cinco integrantes desse cartel. Fomos do fundamental ao que nos colocava *up-to-date* no percurso com a psicanálise.

Os encontros do cartel, para mim, tornaram possível compreender melhor a frase de Lacan^[3] no Ato de fundação “fundo tão só, como sempre estive com a causa psicanalítica”. Pude ver que solidão com a causa não é sinônimo de isolamento e, muito pelo contrário, é estar bem acompanhada na minha solidão para que a causa não perca o sentido.

“Avança na solidão de um sujeito que tem relação com uma causa para defender e promover. Avança e se apresenta não como um sujeito que propõe ele mesmo como Ideal, mas como um sujeito que tem relação com um Ideal, como os outros que convida a se reunir em sua Escola” (MILLER, 2016, p. 5)”^[4]

Somos uma escola formada por pessoas que têm o mesmo objetivo com a psicanálise e, por isso, trabalham juntas e disseminam os saberes, o ensino e ampliam conceitos; no entanto, percebemos que os trabalhadores decididos que integram a Escola fazem muito mais do que trabalhar em nome da transferência com a causa analítica, são causados por ela, no íntimo do seu desejo. Desejo de analista.

Praticar a psicanálise é livrar-se um pouco do apego às questões morais que assolam os humanos na sociedade. Portanto, me parece interessante que jovens honestos em seus desejos ganhem espaço de visibilidade e escuta para transmissão de onde eles conseguiram chegar com a psicanálise de Freud e Lacan.

A juventude carrega características como o futuro, a inovação, novas formas de ver o mundo, flexibilização do modo de trabalho e um toque de ousadia, criatividade e inventividade. Traz, também, uma certa impaciência e pressa, que talvez os faça tropeçar em pedras no meio do caminho. Todavia, me parece um bom momento para que a juventude – essa da idade mesmo – sirva para movimentar tanto os que já têm muito tempo com a psicanálise como os que ainda, talvez, nem tenham dado partida no percurso.

Outros efeitos de formação...

Ao se distanciar do “todos iguais” da IPA, Lacan conseguiu ser ao menos um que recolocou a teoria freudiana no holofote e, assim, conseguiu fazer a psicanálise avançar. Lacan estava à altura de sua época, soube ler e interpretar o momento que a sociedade psicanalítica estava vivendo, soube fazer com a sua própria experiência com a causa. Não fez teoria, fez Escola e ensino. Miller também.

A NPJ mostrou que é possível começar e recomeçar, rever que – em psicanálise – não há nada sacramentalizado. Ao contrário, “a Escola é um conjunto logicamente inconsistente”^[5]. Ser parte de uma Escola Brasileira é incluir o múltiplo, a diversidade, as culturas e os modos de ver o mundo. Este é o paradoxo da formação psicanalítica: como transmitir algo da experiência, sem a intenção de ensinar, mas que seja possível aprender?

Vejo que a minha participação na Escola e os laços que fiz nesses dois anos conferem à minha experiência como analista praticante um “há mais”. Há mais por vir, para experimentar, para encantar e desencantar. O cartel foi fundamental para arrematar minha decisão pela Escola de Lacan.

Convocar os jovens denunciou que estávamos amortecidos em nosso compromisso com o progresso. Agora, já despertos, colhemos os efeitos nas nossas práticas clínicas, na invenção do nosso estilo e nas tentativas de transmitir o que pôde ser aprendido. Resta, então, entender que a reforma de uma casa pode até mudar algumas coisas e formatos, mas nunca sua fundação.

REFERÊNCIAS

^[1]Cartel 15 NPJ: Cassandra Dias (EBP/AMP – MAIS UM), Sônia Vicente (AME EBP/AMP), Adriana Rodrigues (EBP/AMP), Francisco Matheus Barros (NPJ/MG) e Daiane Ossuna Ribeiro Ruiz (NPJ/MS).

^[2]MILLER, J-A. *Carta à Escola Brasileira de Psicanálise*, 1995.

^[3]LACAN, J. *Ato de fundação*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 235.

^[4]MILLER, J-A. *Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola*. Em: Opção Lacaniana online, n.21. 2016, p.5.

^[5]Ibidem, p. 9.

O passe como caminho inédito para a transmissão da psicanálise . O que se pode extrair de sensível e consistente para o ponto final de uma análise?^[1]

Nadja Martins
nadmartinss@gmail.com

O dispositivo do passe, tal como proposto por Lacan^[2], permanece um dos pontos mais enigmáticos e desafiadores no percurso da formação de um analista dentro da Escola. Longe de ser um rito de passagem tradicional, ele tem um “quê” de aposta radical, singular, e com implicações coletivas sobre o que se pode emergir de um fim de análise. O que se coloca em jogo quando alguém decide passar? Que tipo de saber inédito se extrai de uma travessia que toca o real, sem o apoio garantido do Nome-do-Pai?

Este texto se propõe a recolher algumas impressões e perguntas que surgem a partir dessa aposta: a aposta no passe. Não como garantia de consagração, mas como aposta viva na invenção, na transmissão e no ensino do que é um Analista da Escola. O que o passe produz de inédito, no sujeito e na Escola? Que riscos e consequências estão implicados nesse dispositivo que não se reduz a uma técnica, mas que visa manter viva a ética da psicanálise ?

Na real, o que se aposta?

Que o dispositivo possa capturar algo não escutado no passe clínico? Que tenha havido mesmo, um modo inédito pelo qual um sujeito inventa um nó com o imaginário, o simbólico e o real, que se sustenta sem o auxílio do Nome-do-Pai? Seja por sua inscrição radical, seja por tê-lo captado em seu ser de semblante? Preenhe de uma conjunção inusitada.

Que o testemunho tenha ensinado algo novo sobre o enodamento com o qual um *parletrê* se sustenta e sobre a singularidade das soluções encontradas, inclusive sua labilidade? De forma que a psicanálise não se deforme numa técnica psicoterápica.

Que o dispositivo do passe não possa ser pensado sem essa invenção singular? Uma vez que ela acompanha – tanto quanto a angústia – o transitar na zona mais além do *sinthome*, que é onde um real analítico pode ser captado.

Até esse ponto dos questionamentos, falamos de apostas na singularidade das invenções subjetivas . Mas as singularidades não podem ser agrupadas. É mesmo difícil transmitir o encontro com o real. E então, podemos mesmo dizer AEs? “Tornar-se” um analista da Escola? É disso que se trata o passe?

O passe existe, enquanto pilar da formação, para “tornar” os analistas passantes em Analistas da Escola e, assim, poder autorizadamente interpretá-la?

Lembremos que o passe não é sem o Outro da Escola. E que a Escola não sabe, até que ele testemunhe, o que é o psicanalista – inclusive por não haver, disso, um conceito em si.

Podemos então, pensar que a aposta no passe, tem um caráter singular, porém com efeitos coletivos. Se coletivos, quais efeitos?

Que entusiasme os colegas na transmissão?

Que o passe ateste a competência do analista, uma performance ao incurável, de como a travessia se dissolve, que se ache um nome de gozo?

Que o analista se autorize de si mesmo depois do encontro com a inexistência do Outro? E como se resolveu com isso! E que testemunhar, uma ou mais vezes, faça captar o momento da passagem? Tudo isso junto e misturado, talvez?

Na real, o que se aposta ao passar?

Pago o páreo de que seja em manter a aposta no campo da aposta e não com uma consagração do analista por ter alcançado uma posição de maioria. Que do lado do passante, a aposta seja na possibilidade de que algo se inscreveu diante do real, atestando um fim sem *gran finale*. Do lado do passador, creio que a aposta seja na fecundidade do dispositivo e no entusiasmo coletivo de a transmissão possa ter avançado no tocante à direção do tratamento. Um avanço que tire o dispositivo do passe dessa condição de oferecer-nos de forma maior, a sua crise.

REFERÊNCIAS

^[1] Cartel: Aposta no Passe. Cartelizantes: Sérgio de Mattos (MG), Mais-um. Adriano Moreira (ES), Nadja Martins (ES), Olenice Amorim (ES), Randra Gondouin (ES).

^[2] LACAN, Jacques. “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In: *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro et al.. Versão final de Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 248-264

O lugar da coletânea no movimento da Escola^[1]

Cléa Martins Machado de Oliveira

clea-oliveira@hotmail.com

Diante do convite para compor a Comissão Editorial das VI Jornadas EBP-LO, fui surpreendida com uma proposta: participar de um cartel fulgurante, na função *Mais-um*, formado pelos integrantes desta comissão. O tema do cartel, Coletânea, teve como subsídio investigar sobre este trabalho construído na e para a Escola a partir de duas entrevistas realizadas por cada cartelizante com dois membros da EBP-LO, sendo um deste da AMP/EBP e outro que compunha a Nova Política da Juventude (NPJ).

De minha parte, busquei *coletar* nas transmissões de Rafaella Cunha Pfrimer (EBP NPJ) e de Romulo Ferreira da Silva (AMP/EBP), elementos que pudessem revelar algo sobre a finalidade de uma coletânea. Apesar deste último não compor a referida Seção, ter sido o primeiro Diretor Geral da Seção Leste-Oeste, quando esta ainda possuía três letras em sua sigla, fez importância ao tempo que acompanhou o nascimento da Coletânea em meio à formação da LO.

Além de praticamente todos desempenharmos pela primeira vez essa função de membros de uma comissão editorial, houve uma intenção deliberada em operar a partir de uma postura que privilegiasse a singularidade de cada Um. Enquanto cartelizantes – em que há sujeitos inseridos num processo de investigação conjunta, porém movidos a partir de questões subjetivas singulares^[2] – propomo-nos romper com a lógica da entrevista como mera coleta de dados ou como diálogo previamente estruturado.

Assim, optou-se por levar ao entrevistado aquilo que, para nós, individualmente, permanecia como enigma, uma questão que nos atravessava, interpelava, uma proposta provocadora do espontâneo neste momento do contato com eles.

Aliás, isto é algo em comum com o que pôde-se compreender sobre as Coletâneas. Por mais que elas, como o cartel, não existam sem um formato orientado, uma organização e intenções pré-estabelecidas, carrega ainda assim algo inédito em si. Sendo este inédito pelo que se é produzido a partir do tema das Jornadas, numa dimensão literal, ou mesmo pelo recorte na história da Escola que este tipo de trabalho proporciona. Conforme coloca Rômulo, a coletânea parece ter o mesmo efeito do trabalho de um cartel: “se junta, trabalha, produz esse produto, ele fica registrado e coloca em marcha o trabalho da Escola.”^[3]

No Ato de Fundação,^[4] Lacan apresenta uma reflexão fundamental acerca do que caracteriza o sucesso de uma instituição psicanalítica ao atrelá-lo ao lançamento de trabalhos “que sejam aceitáveis em seu lugar”. Compreende-se, portanto, que este sucesso não entra no circuito capitalista da lógica da quantidade de adeptos, das publicações acadêmicas ou mesmo de repercussão midiática, visto que o ensino da psicanálise se transmite no Um a Um, nas trilhas de uma transferência de trabalho.

Remete, então, a uma ideia de pertinência e relevância no contexto específico da psicanálise, isto é, os trabalhos produzidos devem ser autênticos ao campo analítico, contribuindo para a continuidade e o aprimoramento da prática e da teoria freudiana. O “lugar” a que Lacan se refere não é meramente físico ou institucional, mas simbólico: trata-se do lugar da psicanálise enquanto discurso singular, que se distingue por sua ética e sua lógica própria.

Ao escutar Rafaella, que pontuou a coletânea como “nosso registro através da escrita, dos escritos e dos inscritos nas Jornadas”^[5] e cita o texto acima mencionado como referência desta compreensão, é possível acesar como o que constitui uma Escola e faz seu sucesso não são critérios institucionais, mas a produção de saber pautada na transmissão do discurso analítico, sendo um dos produtos a própria coletânea.

Nesse sentido, a finalidade de uma coletânea é não somente compilar e estruturar uma lógica, para os trabalhos enviados e aprovados pela comissão científica de uma Jornada, mas funciona como o registro histórico de um coletivo de pessoas que trabalham direcionadas à Escola, conforme reforçou Rômulo em sua entrevista.

Representa um testemunho do que este coletivo se propõe a investigar a partir de suas práticas, caminhos e desafios, nas marcas e marco de um tempo, e de uma experiência em função da escola. Mas, mais do que isso, é também a materialização de um compromisso com a manifestação viva de um pensamento que se transmite, não como doutrina, mas como prática em constante elaboração.

O lugar, nomeado por Lacan, ao qual se volta essa coletânea não é qualquer um, pois trata-se do lugar da psicanálise enquanto discurso ético. É deste último que se funda a responsabilidade do psicanalista, e é dele que a Escola guarda a memória e constrói sua orientação. Assim, cada texto que integra uma coletânea carrega consigo esse horizonte ético – não como mera referência teórica, mas como linha de força que orienta o trabalho analítico. O trabalho de “corporificar” um dado momento da Escola, vem como um esforço para que este não se evapore.

REFERÊNCIAS

^[1] Trabalho como produto de Cartel Fulgurante da Comissão Editorial das VI Jornadas EBO-LO, inscrito sob tema: Coletânea. Cartelizantes: Cléa Martins Machado de Oliveira – Vitória/ES – mais-um, Daniel Camelo Rancan – Brasília (DF), Fernanda de Fátima Fernandes – Catalão (GO), Katiuscia Kintchev – Campo Grande (MS), Olenice Amorim Gonçalves – Vitória/ES, Patrícia Marinho Gramacho – Goiânia (GO).

^[2] LACAN, Jaques. *D'Écolage*. Tradução: Alessandra Thomaz Rocha. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2024. p.13-16; Disponível em: <https://ebp.org.br/wp-content/uploads/2024/02/22DEcolage22-Jacques-Lacan.pdf>. Acesso em: 10/08/25.

^[3] SILVA, R.F. Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.2025.

^[4] LACAN, Jacques (1964). “Ato de fundação.” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 235-247.

^[5] PFRIMER, R.C. Comunicação oral em entrevista realizada no dia 06.06.25.



PSICANÁLISE COM CRIANÇAS

O desejo do analista e a clínica com crianças na atualidade: considerações a partir dos estudos de um cartel^[1]

Juliana D. Passamani Romano

julidp@uol.com.br

Para a psicanálise, a criança é um analisante pleno de direitos. Essa formulação proposta ao longo do ensino de Rosine e Robert Lefort^[2] orienta que a clínica com crianças não é diferente da clínica com adultos no que concerne à escuta do inconsciente. Isso quer dizer que receber uma criança em análise vai contra o entendimento de que há um “sujeito por vir”, como postula o saber pedagógico.

Miller^[3] propõe trazer à cena a palavra “respeito” e estabelece: “o saber da criança é um saber autêntico, já sabido ou não sabido (...). No discurso analítico, o saber da criança é respeitado” [tradução minha].

Contudo, a clínica com crianças não deixa de apresentar especificidades, especialmente porque elas não chegam por si mesmas. As crianças vêm trazidas pelos pais ou por outros que exercem a função de cuidado. Cada vez mais, chegam encaminhadas pela escola ou por outros profissionais. Sendo assim, trazem consigo um outro que fala delas, que apresenta uma demanda ou uma queixa sobre algo que perturba ou faz sofrer. Não raras vezes, seus sintomas já estão “nomeados pela ciência ou pelo Outro familiar ou escolar”^[4], deixando pouco espaço para alguma questão sobre o que se passa com a criança.

Ludimilla Faria^[5], no seu texto para as preparatórias para o XII ENAPOL, nos diz que:

O amo moderno, através da oferta vertiginosa de objetos tecnológicos, impõe a todos uma lógica discursiva que soterra a subjetividade e desvia os seres falantes de encontrar nomes singulares para localizar o real em jogo no seu sofrimento. Assim, o sujeito não responde mais por seu corpo, nem mesmo por seu gozo, e seus sintomas são reduzidos a transtornos a serem extirpados. É inegável que são as crianças o objeto mais visado pela fabricação científica – ainda que não os únicos –, e os avanços da tecnologia invadem a formação e o tempo da infância. Assim, podemos dizer que o discurso da ciência, esvazia o saber da criança.

Essa é uma questão dos tempos atuais: a criança, falada pela ciência, objeto de um saber absoluto que não permite que entre em cena o que há de singular em cada uma; está capturada nesse sistema de classificações, de atividades incessantes, de rotinas padronizadas.

(...) Há sempre um outro que sabe e que responde sobre como se deve viver, um outro que tem sempre as respostas (...) – a exemplo das Terapias Cognitivas e Comportamentais, as metodologias de coaching, as consultas ao Chatgpt, tratamentos nos quais a solução precede o problema, ou seja, a resposta precede a pergunta.^[6]

Um fragmento da clínica evidencia como o saber da criança é descartado. Felipe vai ao neurologista e, na primeira consulta, rapidamente é diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em seu atendimento com a analista praticante, esta lhe interroga como tem sido as consultas com o neurologista ao que ele prontamente responde: - “Chatas! Ele me coloca para ver televisão e só conversa com meus pais. Não fala comigo”. Esta mesma criança, em outro tempo, vê um livro sobre a minha mesa – “Crianças falam! e tem o que dizer” – me interroga sobre o que é o livro e respondo que o livro trata da importância do que as crianças falam, e, portanto, é precioso escutá-las para entender o que se passa com elas. Ele me diz que não adianta falar, pois seus pais não o escutam. De alguma forma, Felipe tinha razão. Havia pouca disponibilidade dos pais para escutá-lo e para reconhecerem seus avanços.

Seguindo Miller^[7], pontuo que “o analista está do lado do sujeito em todos os casos, e sua tarefa é levar o sujeito a jogar sua partida com as cartas que lhe foram distribuídas”.

No texto “As tentações da transferência”, Gorostiza^[8] descreve 20 tentações do analista e adverte que o desejo do analista é passível de desvios e, sobre isso, é preciso estar atento. Na clínica com crianças na atualidade, duas dessas tentações que ele descreve merecem atenção – a tentação pedagógica e a tentação terapêutica – uma vez que a demanda do Outro da criança por educar, curar e corrigir está frequentemente presente. Ao contrário disso, o motor da análise é o desejo do analista, este que “(...) vai contra tomar o ser falante como objeto e deixá-lo sem palavra e sem reponsabilidade”.^[9]

(...) O ato analítico depende e compete ao desejo do analista, que não é da ordem do fazer. Ele consiste essencialmente na suspensão de qualquer demanda por parte do analista, na suspensão de qualquer demanda de ser; não lhes pede que sejam inteligente, não lhes pede sequer que sejam verídico, não lhes pede que sejam bom, que sejam decente, somente lhes pede falar do que se passa pela cabeça (...) [tradução minha].^[10]

Nesse sentido, apontado por Miller^[11], o desejo do analista cede à qualquer posição de mestre. “Quer dizer que não é um desejo que está sujeito à ordem do discurso médico ou pedagógico”^[12]. É o encontro da criança com um adulto aberto à escuta e à invenção fora de um imperativo. É o encontro da criança com a possibilidade de construção de sua própria demanda e de seu saber-fazer.

REFERÊNCIAS:

- [1] Cartel: O Desejo do Analista – Cartelizantes: Ordália A. Junqueira (GO), Mais-Um; Fabiana T. de Oliveira Westphal (ES); Gean Carlos C. da Silva (GO); Juliana D. Passamani Romano (ES); Maria Nazaré M. Pereira Filha (PA); Robson José da S. Campos (MG).
- [2] MILLER, J. (org.). *A criança no discurso analítico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- [3] MILLER, J-A et al. *El miedo de los niños*. Buenos Aires: Paidós, 2017, p.19.
- [4] DRUMMOND, Cristina. *Os princípios da prática analítica com crianças*. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS8U4KAK/tese_inteira.pdf?sequence=1. Acesso em: 03 mai.2018, s.p.
- [5] FARIA, L. F. *O que fala a psicanálise da criança generalizada*. Disponível em: <https://enapol.com/xii/o-que-fala-a-psicanalise-da-crianca-generalizada1/>. Acesso em: 07 jul. 2025, p.01.
- [6] Ibidem, p 03.
- [7] MILLER, J-A et al. *El miedo de los niños*. Buenos Aires: Paidós, 2017, p.40.
- [8] GOROSTIZA, L. *As tentações da transferência – notas sobre a transferência e a posição do analista em a direção da cura*. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/edicao_1/astentacoes_1.html. Acesso em: 25 mar. 2024, s.p.
- [9] DRUMMOND, C. *Os princípios da prática analítica com crianças*. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS8U4KAK/tese_inteira.pdf?sequence=1. Acesso em: 03 mai.2018, s.p.
- [10] MILLER, J-A. *Sutilezas analíticas*. Buenos Aires: Paidós, 2011, p.40.
- [11] Ibidem.
- [12] SOLANO-SUÁREZ, E. A criança em questão no final do século. In: MURTA, Alberto; MURTA, Cláudia; MARTINS, Tânia (orgs). *Incidências da psicanálise na cidade*. Vitória: EDUFES, p.11-48, 2004, p.27.

O desejo do analista e a clínica psicanalítica com as crianças^[1]

Fabiana Teixeira de Oliveira Westphal
fabianaoliveirapsi@gmail.com

Durante anos na clínica, atendi pais, responsáveis e cuidadores legais angustiados com os sintomas de seus filhos — crianças que não correspondiam ao esperado, ou melhor, ao desejado por esses adultos.

As queixas variavam entre: dificuldades de aprendizagem, comportamentos inadequados, hiperativos, desafiadores e atrasos no desenvolvimento cognitivo. E algo as atravessava como ponto de intersecção: o desconforto desses cuidadores frente à diferença, à desordem, à opacidade.

A criança era vista com uma falha, com algo que “não funcionava” como “deveria”. A demanda, então, se apresentava com frequência como uma busca por reparação, ou seja, transformar o desatento em atento, o tímido em desinibido, o anorético em saudável — numa lógica de correção, como se a clínica pudesse operar a lógica normativa, lógica essa que atravessa a clínica contemporânea no geral, como ressalta Brodsky^[2]:

Trata-se de um esforço para evidenciar a tensão existente entre o empuxo sanitarista, que dita o que devemos comer, quantas horas devemos caminhar, [...] que promove não apenas a saúde, mas também a felicidade para todos.

“Temos que ser saudáveis”, “temos que ser felizes”, “temos que ser lindos”, “temos que ser magros” — há uma promoção para todos nesta direção.

Mas qual é, afinal, o papel do analista na clínica com a criança? É sustentar uma escuta que não busca apagar o sintoma, mas reconhecê-lo como tentativa singular de inscrição na linguagem, frente ao Outro. A clínica com crianças é delicada — como todas as outras —, mas com um *plus*: além do paciente, é preciso acolher seus cuidadores. Esse acolhimento não é apenas ético, mas também prático: a criança depende dos “seus adultos” para continuar em análise — são eles que a levam até o consultório, que sustentam financeiramente as sessões, que autorizam, de algum modo, que a travessia do tratamento seja realizada.

Como nos aponta Drummond^[3], ao analista cabe avaliar quem irá receber em análise (o pai, a mãe ou criança) e, caso o trabalho analítico seja feito com a criança, entende-se como fundamental, para a direção do tratamento, construir a demanda da criança mesmo que seja diferente e até mesmo, conflituosa com a dos seus pais.

Na clínica com a criança, o analista deve estar atento às tentações pedagógicas — àquela que se refere à tentativa de educar o analisante — e à de cura — ao que Freud^[4] chamou de *furor sanandis*, que aparece quando o analista se deixa levar pela tentação de curar o analisando. É nesse ponto que a posição do analista é distinta da

do psicoterapeuta, pois se encontra atravessado pelo desejo do analista, como bem explica Gorostiza^[5] em seu texto sobre as tentações da transferência.

Na psicanálise, não se trata de um sujeito que age sobre outro, mas de sustentar um lugar onde o inconsciente possa trabalhar. Para exemplificar, trago um recorte clínico de um caso que atendi há alguns anos:

Uma mãe me procurou para atender seu filho de 06 anos, tímido, inibido na escola. Interagia pouco, isolava-se nas atividades e raramente conversava. Além disso, tinha seletividade alimentar: não comia frutas, verduras ou iogurtes, recusando qualquer alimento novo.

Iniciei o atendimento com brinquedos escolhidos por ele, atividades mais contidas, como jogos da memória que aos poucos evoluíram para jogos com bola e atividades mais dinâmicas, nas quais se expressava com maior espontaneidade. O menino tímido passou a ir direto ao armário de brinquedos, escolhendo as brincadeiras, e só falava sobre a alimentação quando questionado.

Após algumas sessões, a mãe me procurou novamente: pediu que eu passasse a trabalhar menos com a inibição — que, segundo ela, “já estava ótima” —, pois a professora havia reclamado que ele agora “falava demais” em sala. A mãe voltou a insistir que focasse na mudança da alimentação. Duas sessões depois, ela interrompeu o tratamento e parou de levá-lo à análise.

A partir dessa vinheta clínica, pretendi ilustrar o ponto de tensão entre a demanda do adulto e o que se passa com a criança. Acredito que a análise estava começando a operar, sendo possível observar o sujeito apropriando-se de suas escolhas, experimentando algo do laço e do próprio desejo, trabalhando a seu modo o que lhe tocava — efeitos de um trabalho em análise mesmo que este não estivesse de acordo com o desejo da mãe.

Compreende-se que, com o deslocamento do sintoma, a criança passa a não responder da mesma forma ao Outro, surgindo o mal-estar que ao analista cabia manejar na transferência. Destaco o que aponta Miller^[6], que o desejo do analista não é o desejo de educar, de corrigir ou de adaptar, pois ele não se alinha ao discurso da educação, nem ao da moral da obediência.

O desejo do analista é um desejo orientado pela singularidade do sujeito, é o que impede que a clínica seja reduzida à demanda do Outro. Na clínica com crianças, apesar do analista por vezes ser convocado a funcionar como o outro da norma, sua posição é outra: atravessado por seu desejo, no sentido analítico, ele poderá sustentar o espaço onde a criança não seja apenas o efeito do desejo dos outros, mas possa emergir como sujeito.

A psicanálise, portanto, trabalha a partir da ética da escuta da singularidade, e, talvez, seja por isso que cause estranhamento e se diferencie das psicoterapias, visto que visa o Um e não o universal: não é a adequação dos analisantes a um jeito de ser, numa prática protocolar.

Ao analista cabe a postura ética de não ceder à tentação da correção, não se deixar capturar pela demanda de “melhoria”. E como afirma Drummond^[7]:

O que a investigação dessa clínica nos traz com toda força é o desejo do analista como aquele que vai contra a “criança generalizada”, vai contra tomar o ser falante como

objeto e deixá-lo sem palavra e sem responsabilidade. Ocupando um lugar no discurso analítico, nos tornamos destinatários do sofrimento da criança, nos oferecendo como seu complemento a partir do manejo de nosso ato e interpretação

REFERÊNCIAS

^[1]Texto elaborado a partir das reuniões do cartel “O desejo do analista” constituído pelos cartelizantes: Fabiana Teixeira de Oliveira Westphal (ES), Gean Carlos Candido da Silva (GO), Juliana D. Passamani Romano (ES), Maria Nazaré Mangabeira Pereira Filha (BA), Robson José da Silva Campos (MG) e Ordália Alves Junqueira (GO), Mais-Um, inscrito na EBP em 11/09/2023.^[2] BRODSKY, G. *La locura nuestra de cada día*. Opção Lacaniana online, ano 4, n. 12, p. 41-80, nov. 2013. ISSN 2177-2673. Acesso em 15 set. 2025.

^[3]DRUMMOND, Cristina. *Os princípios da prática analítica com crianças*. [manuscrito não publicado], [s.d.].

^[4]FREUD, Sigmund. *Psicanálise “Silvestre”*. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11, p. 207-219.

^[5]GOROSTIZA, Leonardo. *As tentações da transferência / The temptations of transference*. aSEPHallus, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-2, nov. 2005-abr. 2006. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_01/artigo_01port_edicao01.htm. Acesso em: 15 set 2025.

^[6]MILLER, Jacques-Alain. *A ética da psicanálise: a subversão da ética da cura*. Opção Lacaniana, São Paulo, n. 44, p. 7-16, 2006.

^[7]DRUMMOND, Cristina. *Os princípios da prática analítica com crianças*. [manuscrito não publicado], [s.d.].

A importância dos pequenos mitos na clínica infantil^[1]

Maísa Helena Lopes Rabelo

mlopesrabelo@gmail.com

No Seminário 4 – A relação de objeto,^[2] Lacan busca delimitar o que seriam, de fato, as chamadas relações de objeto em Freud, apontando como central o entendimento de que se trata, em verdade, de relações de falta de objeto. O objeto falo é colocado como representante dessa falta, e Lacan demonstra como o sujeito, na relação com o Outro, terá de se haver com três faltas fundamentais de objeto: a frustração, como falta de objeto real; a privação, como falta de um objeto simbólico; e a castração, como falta de um objeto imaginário.

Ele destaca ainda o imbróglio da situação ao demonstrar que, até então, a psicanálise da época dava primazia às relações de frustração, pouco se dizendo em relação à questão central de Freud: a articulação entre mãe fálica e complexo de castração. Surge, então, a pergunta: qual é o momento de passagem, na história individual de cada sujeito, em que ele sai da lógica da mãe fálica para a elaboração da mãe castrada? E quais os efeitos dessa passagem? Lacan alerta que não se trata jamais de uma relação dual entre mãe e filho, pois o objeto falo já está inserido desde o início da relação. O interessante é pensar como esse objeto irá se deslocar a partir dos cortes fundamentais que ocorrem nesse percurso.

Para ilustrar as particularidades de cada caso, Lacan se detém no caso do pequeno Hans, mostrando como foi possível para ele iniciar a passagem do imaginário para o simbólico. Até então, a saída possível para sua angústia havia sido a criação da fobia. Lacan aponta, nesse contexto, a importância da criação dos pequenos mitos — que podemos entender como mitemas — para que Hans pudesse se haver com a castração e com a diferença radical, sem precisar mais recorrer à fobia, que até então lhe era fundamental como solução imaginária para conter a angústia.

Até certo ponto da história, antes da eclosão da fobia e da angústia, Hans vivia com sua mãe uma primeira fase, que podemos nomear de engodo: a criança participa, na relação com a mãe e com o falo, de um jogo imaginário de ver/não ver o falo, espreitar onde ele está. A criança é reconhecida como objeto fálico e assume esse papel. Cerca de um ano após o nascimento da irmã — termo essencial na relação com a mãe — irrompe a fobia de cavalos. Lacan questiona por que foi preciso um ano para a fobia se instalar e afirma:

“Já indicamos que esta fobia deve ser localizada dentro de um processo em que se trata, para a criança, de alterar profundamente todo o seu modo de relações com o mundo, a fim de admitir aquilo que está admitido ao final, e que os sujeitos levam uma vida para assumir, a saber, que, nesse campo privilegiado do mundo que é o dos semelhantes, existem efetivamente sujeitos que são privados desse famoso falo imaginário”^[3]

Apesar de ser uma saída para a angústia, a fobia de Hans em ser mordido por cavalos constituía uma amarração frágil, pautada em um único objeto — o cavalo — como suporte imaginário. Lacan mostra, então, como Hans conseguiu dar um suporte simbólico à assunção da castração, por meio de pequenos mitos forjados como narrativas particulares que sustentariam a passagem do imaginário ao simbólico.

Nas elaborações de Hans, Lacan destaca três cenas paradigmáticas: a história da banheira, a do parafuso e a das duas girafas. Cada uma delas evidencia como a criança constrói pequenas narrativas que funcionam como suportes simbólicos para lidar com a castração e com a diferença sexual. Na cena da banheira, Hans inventa a ideia de que a água poderia ser escoada através de um parafuso, indicando um trabalho imaginativo que toca a questão da função fálica e da perda, traduzida em termos concretos. Já na história do parafuso propriamente, ele localiza no objeto um ponto de condensação entre interior e exterior, abertura e fechamento, que remete ao manejo da presença ou ausência do falo. Por fim, na cena das girafas, em que a girafa maior grita ao ver a menor ser amassada e sentada, Hans dramatiza a rivalidade e a relação de posse em torno da mãe, reinscrevendo o desejo e a lei na forma de um pequeno mito. Para Lacan, essas elaborações não são meras fantasias infantis, mas verdadeiros mitemas, unidades narrativas que permitem a Hans organizar simbolicamente aquilo que a fobia isolada do cavalo sustentava de maneira frágil no imaginário.

Essa leitura tem ajudado a pensar a importância da escuta com crianças na clínica, seja em suas histórias, seja, principalmente, nas brincadeiras repetitivas. É importante notar as sutis alterações que vão ocorrendo nesses pequenos mitemas em ato. Um exemplo é o de um pequeno analisante que, por várias sessões seguidas, ao montar uma fazenda aos pés de uma dracena no consultório, enterrava o carro “pai” na terra, aos gritos de “socorro”. Tratava-se de um pai que se ausentava durante a semana para trabalhar na fazenda, mas que, na percepção da criança, estava sempre em apuros. Em muitas brincadeiras, todos da família eram enterrados pela mãe — mãe que, angustiada, tentava evitar a todo custo as masturbações do filho de 5 anos, além de evitar as investidas do marido, e qualquer assunto que estivesse atrelado à sexualidade. Junto a isso, outras brincadeiras se repetiam, como o brincar de médico e a frase “Vou cortar seu pipi fora”, dita para a analista, que em certo momento respondeu: “Ué, mas eu não tenho pipi”. Aos poucos, e junto a diversas outras colocações, os enterros foram se tornando cada vez mais raros, dando espaço para outras criações, menos fixadas, como a encenação de ser o pai, que fazia comida para o bebê, o pai que tinha o poder de viajar e ser um super-herói, entre outras encenações. Ouso dizer que, ali, foi possível uma passagem, através desses pequenos mitos, de algo do imaginário para o simbólico.

REFERÊNCIAS

[1] Cartel: Leitura do seminário 4, relação de objeto. Cartelizantes: Tânia Regina Anchite Martins(ES), Mais-um. Anna Paula da Silva (GO); Maísa Helena Lopes Rabelo (GO); Raíssa Turíbio Milhomem; Thailla Franco (GO).

[2] LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: A relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

[3] *Ibidem* p. 278.

O corpo que fala: das entrevistas ao sintoma na criança[1]

Sheila Cordeiro Souza Moreira
sheilacordeiro@yahoo.com.br

Ana Julia, prestes a completar 3 anos, não chegou pela fala. O que a trouxe foi a pele: vermelha e áspera. A mãe, depois de inúmeras tentativas médicas e um processo judicial para obtenção de um medicamento, procurou a psicanálise. Veio por indicação da sua psicóloga. Como nos lembra Bonnaud^[2]: “[...] desde o nascimento, o bebê está mergulhado na linguagem que o recebe, e essa linguagem ao mesmo tempo o aprisiona e o estrutura”. Mesmo antes de falar, o corpo dessa criança já estava atravessado pelo discurso do Outro. Assim, o que se apresentava como crises dermatológicas revelava-se também como uma escrita do inconsciente na carne.

A pergunta que surge, então, é: o que pode a analista frente a um sintoma que se apresenta no corpo?

No primeiro encontro Ana recusou-se a entrar na sala, agarrando-se às pernas da mãe. Depois de algum tempo, atravessou a porta, olhou em volta, descobriu os brinquedos e começou a separá-los, construindo muralhas entre nós com os brinquedos. Esse gesto, aparentemente banal, indicava um limite: como se os brinquedos pudessem oferecer uma consistência que seu corpo ainda não conseguia sustentar.

Lacan^[3], em seu texto *Estádio do Espelho*, lembra que “[...] a assunção jubilatória da imagem especular, pelo sujeito, situa-se num contexto de insuficiência do corpo”. É pela mediação da imagem e do olhar do Outro que a criança conquista uma primeira unificação do corpo fragmentado.

Durante o contato com os responsáveis, observou-se o interesse do pai em participar do acompanhamento da filha. No encontro, a forma como ele se referia à criança revelou aspectos significativos da relação com Ana e do lugar que ela ocupava em seu discurso. Essas entrevistas ilustram a importância do trabalho com os pais como espaço de escuta e elaboração. As entrevistas com os pais assumem valor fundamental como Bonnaud^[4] afirma: “As entrevistas com os pais não servem para colher informações, mas para situar o lugar da criança no desejo parental e, assim, abrir um espaço onde ela não seja reduzida a objeto do sintoma familiar”.

Ao longo das sessões, o limite começou a aparecer como uma questão. Entretanto não era o limite enquanto disciplina, como a mãe solicitava, alegando que Ana estava desobediente, agressiva e “cheia de vontades”, mas o limite como alteridade. Quando eu dizia que algo não podia ser feito naque-

le momento ou que era hora de guardar os brinquedos, Ana Júlia protestava: “Eu faço o que eu quero, e você é uma chata!”.

Essa experiência parece análoga ao jogo do Fort-Da descrito por Freud^[5]: “[...] a criança, ao brincar de sumir e reaparecer com o carretel, se exercita em suportar a ausência da mãe, transformando em jogo uma experiência dolorosa” . Essa elaboração permite que a criança simbolize a ausência e crie um espaço psíquico próprio. Bonnaud ^[6] acrescenta que, muitas vezes, os sintomas infantis aparecem como um recurso para lidar com a angústia gerada pelas expectativas parentais.

Foi quando Ana Júlia pôde suportar o limite da transferência que as crises de dermatite começaram a diminuir. Alguns episódios marcam esse lugar, desde falas de que retornaria até comparações com personagens de histórias lidas em sessões. Essa identificação reflete uma identificação primária, que Freud^[7] descreve em *Psicologia das Massas* como a tendência de reconhecer no outro algo de si. Bonnaud ^[8] aponta que o trabalho do analista pode oferecer ao sujeito um novo significante, que o descole do peso esmagador do primeiro nome que o marcou.

O sintoma pôde ser narrado e ganhar estatuto de palavra. O corpo deixou de ser o único lugar em que ele estava inscrito. Para a psicanálise, o corpo é atravessado pela pulsão e marcado desde cedo pela linguagem. Lacan^[9] traz que o sujeito é marcado pela palavra do Outro antes mesmo de nascer, sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem . Bonnaud ^[10] lembra que o inconsciente não é um depósito de lembranças, mas se atualiza na sessão pelo efeito da palavra.

A analista, frente a esse corpo, oferece um espaço em que o sintoma encontre uma via para se constituir. Na transferência, a criança desloca seu conflito do corpo para as cenas do brincar. Algumas sessões depois, a mãe relata que tem percebido as irrupções diminuindo: “*Vou ser muito sincera, não acreditava que tudo que A apresentava fosse psicológico. Mas ela tem melhorado muito e vamos continuar cuidando da nossa menina.*”. Entretanto, após algumas sessões ausentes, a mãe diz que, por hora, precisam interromper o tratamento.

REFERÊNCIAS

[1] Este trabalho é fruto das discussões produzidas no Cartel Psicanálise e Criança que tem como membros: Jaqueline Moreira (GO), MaisUm. Sheila Cordeiro Souza Moreira (MS), Isana Rodrigues Braz (GO), Mariana Nacif Gesta (GO) Tatiane Dassoglio (PR)

[2] BONNAUD, Hélène. *El inconsciente del niño*. Buenos Aires: Paidós, 2013. p. 23-24.

[3] LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 100.

[4] BONNAUD, Hélène. *El inconsciente del niño*. Buenos Aires: Paidós, 2013. p. 115.

[5] FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: *Obras completas*. Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 171.

[6] BONNAUD, Hélène. *El inconsciente del niño*. Buenos Aires: Paidós, 2013.

[7] FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: *Obras completas*. Vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 52.

[8] BONNAUD, Hélène. *El inconsciente del niño*. Buenos Aires: Paidós, 2013.

^[9] LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 279.

^[10] BONNAUD, Hélène. *El inconsciente del niño*. Buenos Aires: Paidós, 2013.

CORPO

Hans e ter um corpo^[1]

Tânia Regina Martins
tramartins@gmail.com

Como se constrói um corpo?

Podemos falar em três vias no ensino de Lacan:

“A via da imagem com o estágio do espelho, a via do objeto, o corpo como superfície de inscrição do Outro e a via do sintoma como acontecimento de corpo”^[2].

Lacan, no seminário *A relação de objeto*^[3], articula a primeira identificação freudiana e o estágio do espelho tal como ele mesmo o descreve, na medida em que a relação com a imagem do Outro dá ao sujeito a matriz simbólica que lhe permitirá organizar seu eu e o que ele experimenta como sua incompletude. Trata-se de uma condição prévia. O corpo do Outro, a imagem do corpo do Outro antecede o próprio corpo. É na relação com esta imagem que se apresenta como total e fonte de júbilo, que se inicia para o sujeito a subjetivação de que algo pode faltar.

Para Miller, a afinidade entre o corpo e o imaginário, no ensino de Lacan, se afirmam não só no fato do Eu para Lacan se distinguir do Eu da segunda tópica de Freud, mas se “reafirma em seu ensino dos nós. A construção borromeana enfatiza que é pelo viés de sua imagem que o corpo participa, primeiro, da economia do gozo”^[4].

Miller ressalta um momento anterior ao especular, anterior ao gozo do corpo imaginário, um primeiro tempo “como se nesse estádio o gozo estivesse livre da concentração na imagem do corpo próprio”^[5]. Um tempo do narcisismo primário descrito por Freud, no qual a criança se encontra entregue em sua totalidade aos cuidados e ao olhar do Outro materno. O júbilo, que podemos chamar gozo da imagem do corpo, exclui este gozo pulsional, corpo despedaçado, que perturba a unidade imaginária.

A via do objeto, a via da construção do corpo pulsional, apoia-se no real, este tempo pré-especular mencionado anteriormente. Dizemos que na medida que o significante marca a carne, esvazia o corpo de gozo e o localiza nos objetos *a*, fora do corpo. Ter um corpo por esta via também é a partir do gozo, uma vez que o objeto *a* é perda de gozo e mais-de-gozar.

O corpo falante goza, portanto, em dois registros: por um lado, ele goza de si mesmo, ele se afeta de gozo, ele se goza - ...por outro, um órgão desse corpo se distingue de gozar de si mesmo, ele condensa e isola um gozo à parte que se reparte entre os objetos *a* ^[6]

O gozo do corpo e o gozo da fala, este é denominado por Lacan de gozo fálico e localizado fora do corpo. Lacan se serve do exemplo de Hans para demonstrar o caráter traumático da sexualidade e fora do corpo, fora do gozo fálico.

Em que consiste então a fobia do pequeno Hans? No fato que ele constata subitamente que ele tem um pequeno órgão que mexe. É perfeitamente claro. E ele quer dar-lhe um sentido. Mas, no que diz respeito a esse sentido, nenhum menino sente que esse pênis está naturalmente ligado a ele. Ele ainda considera o pênis traumático. Quero dizer, ele pensa que pertence ao fora do corpo. É por isso que ele vê isso como uma coisa separada, como um cavalo que começa a se levantar e correr.^[7]

Lacan já ressalta no seminário IV o embaraço e a angústia que brotam em Hans ao lidar com este elemento novo que o perturba, seu próprio pênis, o qual com suas reações perturbadoras faz com que ele se sinta ameaçado como um todo.

Na via do sintoma como acontecimento de corpo, para falar da construção do corpo precisamos considerar o choque do significante sobre o corpo, as marcas das experiências iniciais de gozo sobre o corpo. “O sinthoma surge da marca escavada pela fala quando ela toma a aparência do dizer e faz acontecimento de corpo”^[8], dizer enquanto “um modo da fala que se distingue de fazer acontecimento”^[9], tal como proposto por Miller.

O falasser procede da fala. Fala dos que estão à sua volta, que só pode ser mal-entendida, devido à anterioridade, em cada um, de *lalíngua* em relação à linguagem.

“Não é por acaso que em *lalíngua*, qualquer que seja ela, na qual alguém recebeu uma primeira marca, uma palavra é ambígua”^[10].

Nesta conferência, Lacan diz que este equívoco é “absolutamente certo” que ele aparecerá, algo desta particularidade como alguma coisa foi falada e entendida retornará nos sonhos, nos sintomas, e em como cada um diz suas coisas^[11].

Ou, como diz Freud, no caso Hans: “as crianças tratam as palavras de modo mais concreto que os adultos, as homofonias são muito significativas para elas, portanto”^[12]

Hans havia dito: “Eles disseram “por causa do cavalo” e então eu posso ter ficado com a bobagem porque eles falavam “Por causa do cavalo”.

Freud esclarece: Hans não quis dizer que *naquele momento* ele adquiriu a bobagem, mas *em conexão* com aquilo. Deve ter ocorrido assim, e a teoria requer que o que hoje é o objeto da fobia tenha sido objeto de um grande prazer.

Eu acrescento algo que a criança não é capaz de dizer: que a palavra *Wegen* [por causa] abriu o caminho para estender a fobia do cavalo para as carroças (*wagen*, ou como Hans ouvia-a pronunciada, *Wägen* [pronúncia semelhante a *wegen*])^[13].

REFERÊNCIAS

- [1] Cartel: Leitura do seminário *A relação de objeto* de Jacques Lacan. Cartelizantes: Tânia Regina Anchite Martins (ES) Mais-Um, Anna Paula da Silva (GO), Raíssa Turíbio Milhomem (GO) e Thaila Franco (GO).
- [2] CAZENAVE L. Como habita el cuerpo um niño? em *Psicoanálisis com niños y adolescentes* 6. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2022, p.19.
- [3] LACAN, J. *O Seminário livro IV, A relação de Objeto*. Rio de Janeiro: JZE, 1995.
- [4] MILLER, A-A O inconsciente e o corpo falante. *Scilicet O Corpo Falante*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016, p. .23
- [5] MILLER, J-A. A imagem do corpo em psicanálise. *Opção Lacaniana*, n. 52. São Paulo: Eolia, 2008, p.18.
- [6] MILLER, J-A. O inconsciente e o corpo falante. *Scilicet O Corpo Falante*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016, p. 30.
- [7] LACAN, J. (1975/1976). Yale University, Kanzer Seminar. Em *Scilicet 6/7*. Paris: Éditions du Seuil, p. 22.
- [8] MILLER, J-A O inconsciente e o corpo falante. *Scilicet O Corpo Falante*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016, p.28
- [9] *Ibidem*
- [10] LACAN, J. Conferência em Genebra sobre o sintoma, em *Opção Lacaniana* 23. São Paulo, Eolia, p. 9
- [11] *Ibidem*
- [12] FREUD, S. (1909/2019) Análise da Fobia de um garoto de cinco anos. Em *Obras Completas*, volume 8. São Paulo: Companhia das Letras, p. 186.
- [13] *Ibidem*

A mãe da devastação^[1]

Patrícia Marinho Gramacho

patgramacho@live.com

Trago um recorte da entrevista inicial com os pais de uma pré-adolescente, ressaltando o *nãotodo*, esta área obscura do desejo da mãe, onde está situada a devastação, quando em um ser sexuado temos um espaço não recoberto nem pelo falo, nem pelo objeto^[2], marcado, neste caso, pela necessidade da mãe de encontrar os segredos da filha, de não respeitar o espaço da sala de espera e de forma intrusiva querer ocupar um espaço de ligação que não lhe cabia.

A mãe apresentou-se sozinha na entrevista preliminar. Disse ter vindo falar sobre a filha mais velha, uma filha que *comia demais, muito ansiosa, muito desesperada, que sentia prazer em comer, amava comer*. Falou da filha menor que não comia absolutamente nada e disse: – *Uma come de menos, outra come demais*. Seguiu dizendo da pressão social para que ela, enquanto mãe, fizesse a filha menor comer, e a pressão de seu marido para que observasse o excesso alimentar da outra filha mais velha. Assumiu uma necessidade dela e do marido de ter todos por perto, referindo-se às filhas e que isto aumentava a angústia de vê-las crescer.

Tive espaço para fazer duas perguntas: Qual das *crianças* ela realmente estava trazendo para ser ouvida? Onde estava o pai?

Confirmou, após uma pausa, que realmente era a mais velha, pois percebia que ela era *muito pura, muito bacana, muito falante e que tinha medo do que ela iria passar*. E completou: – *Ela não está preparada para o: - Você está gorda!* - referindo-se a uma fala social vivida por ela na adolescência.

Organizamos uma nova entrevista com a presença do pai que disse acreditar que a filha ainda não estaria tão incomodada com o corpo, mas que ele sabia que a vida cobrava. Se caracterizou como o apaziguador, cobrando da esposa fazer o controle de peso, mas que ele não interferia. Quando perguntado sobre o seu próprio peso, que também se encaixava como excessivo, verbalizou que estar assim não o fazia sofrer. Disse que *a filha era grande, mas que era uma doçura*. A mãe reafirmou que a filha queria muito vir, mas desde que não fosse para falar do seu corpo.

Aparentemente, o sintoma corporal da filha, dividia os pais na temática insuportável do que fazer com o corpo de cada um. Oscilavam entre conseguir separar o próprio corpo do histórico de *corpo grande* familiar, que trazia o registro de todos os bebês serem GIG^[3], e entre o desprazer da não aceitação social dos corpos gordos. Mas o que impressionava era a confusão de corpos entre as irmãs, demonstrando uma conexão corporal complicada, pois enquanto uma retinha, a outra não se preenchia.

A chegada da pré-adolescente foi marcada por alguém que se sentou e esperou para falar. Pouco observou a sala. Ao ser perguntada sobre o porquê os pais a traziam ali, ela disse:

- Estou aqui para falar de coisas que podem ajudar.

À medida que foi sendo perguntada que coisas eram estas, foi definindo que eram coisas mais delimitadas pelos pais, dentre elas a ansiedade. Disse que para ela isto não era um problema. O que tinha medo era de contar as coisas de dentro e aí se emocionou e perguntou: - *Será que o livro que tenho dentro de mim é interessante de ser contado?*

Iniciou-se assim uma sessão de uma menina que além da história ficcional deste livro interior, falou do bullying sofrido na escola; do seu gosto por cinema; da censura do pai sobre determinados filmes; e que finalizou com um desenho no quadro branco da *Eleven e da Max*, personagens do filme *Strangers Things*, na contemplação de algo que *só elas viam*.

Ao final de uma das sessões da filha, a mãe trouxe a filha mais nova e pediu se ela poderia *dar uma olhada no consultório*, espaço tão falado pela irmã. A filha mais velha permitiu e a mãe também ameaçou acompanhar esta entrada. Pedi que deixasse sua filha fazer a apresentação sozinha, mas cometi um ato falho e troquei o nome da filha mais velha com o da personagem da história ficcional por ela criada.

A pré-adolescente questionou imediatamente minha troca e ambas nos olhamos e sabíamos o porquê deste equívoco acontecer a partir da história de seu livro interior anteriormente contada, mas não incluímos a mãe e a irmã nesta explicação. Liberou-se aqui outro circuito pulsional possível, um pouco mais amplo do que aquele presente na dinâmica familiar. É o ato que faz a diferença entre uma criança e um adulto^[4] e o ato, totalmente inconsciente, ainda que incômodo, foi meu. Ela prontamente reagiu e transformou a *olhada no consultório em uma passagem muito rápida*, impelindo a irmã a sair. Talvez aqui começasse a explodir o que era visado destes lugares^[5].

Como bem diz Brousse^[6], “é uma análise que instala as condições ulteriores para a acolhida de uma posição sexuada. Numa análise com criança é possível aceder a uma posição sexual em termos de semblante que, certamente, ainda será defrontada com o ato, com o gozo, com o encontro com o parceiro”.

Ainda nas entrevistas preliminares, após algumas sessões da filha, em que esta começou a se posicionar de uma forma diferenciada e não complementar a da irmã mais nova, a mãe interrompeu o processo dizendo que percebeu que as filhas estavam mais distanciadas, modificação insustentável para um mãe ameaçada pela separação necessária entre os corpos familiares. Como ela mesmo disse: - *É angustiante vê-las crescer*.

REFERÊNCIAS

^[1] Cartel: O desejo do analista. Cartelizantes: Luísa Carvalho (Mais-Um, TO), João Pedro Vilar Nowak de Lima (MS), Patricia Marinho Gramacho (GO), Suraia Oliveira Veloso (GO).

^[2] VIEIRA, Marcus André (2015) Arrebatamento e Devastação. In: *Mães*/Marcus André Vieira, Romildo do Rêgo Barros. Rio de Janeiro (RJ):-

Subversos, 2015, p. 68.

[3] BALEST, A.L., PEKARSKY, A.R. Recém-nascido grande para a idade gestacional (GIG). Disponível em: in: [https://www.msmanuals.com/pt/profissional/pediatric/problemas-perinatais/rec%C3%A9m-nascido-grande-para-a-idade-gestacional-gig?query=rec%C3%A9m-nascidos%20grandes%20para%20a%20idade%20gestacional%20\(gig\)>](https://www.msmanuals.com/pt/profissional/pediatric/problemas-perinatais/rec%C3%A9m-nascido-grande-para-a-idade-gestacional-gig?query=rec%C3%A9m-nascidos%20grandes%20para%20a%20idade%20gestacional%20(gig)>) Acessado em: Ago 2025.

[4] BROUSSE, M.H. Carrossel entrevista Marie-Helene Brousse. In: *Revista Carrossel*, Publicação Carrossel – centro de Estudos e Pesquisa de Psicanálise e criança. Ano I – No 1. Outubro de 1997, p. 11.

[5] Ibidem, p. 10.

[6] Ibidem, p. 11.

Eu, comigo mesmo na terceira pessoa do plural^[1]

Marcelo Macaue

macauefotografia@gmail.com

A arte é uma maneira de reparar as perdas da vida,^[2] um espaço para as fantasias, e as fantasias, um meio de suprir os vazios. Os desejos são muitos e muitos são os furos. O corpo, entre perdas e achados, navegando em mares desassossegados de Fernando Pessoa,^[3] constrói-se, desconstrói-se, para se reconstruir novamente em alguma outra coisa. O corpo é feito de perdas, mas não é só perdas. Contudo, muitas são elas. Tal ato do corpo em sua reconstrução torna-se uma repetição contínua em direção à utópica sensação de completude, onde as refrações do olhar nos levam à fonte pulsional enganosa:

É igual a um escravo que durante o sono gozasse de uma liberdade imaginária, (e) no momento em que começa a suspeitar de que sua liberdade é apenas um sonho, receia ser despertado e conspira com suas agradáveis ilusões para ser por elas enganado por mais tempo [...]^[4]

Assim, a reconstrução do corpo é um movimento de superação para um sintoma da dinâmica pulsional. A própria ideia de *reconstrução* ganha um tom mais trágico e existencial, como esforço contínuo para amarrar algo que, por sua natureza, permanece desamarrado.

Ademais, pergunta-se: O corpo é arte e é político? Não. O corpo é político e é arte. O belo pelo belo é feiura? Se se olha a feiura e se gosta dela, então a feiura é bela e é política. Não bela na contemplação desinteressada kantiana, mas pela política que abrange a feiura. Não é a feiura estética do rosto do outro. É a feiura moral, a feiura ética, a feiura teológica pecaminosa, a feiura corrupta, a feiura misógina, a feiura do fascismo. Feios. O que não agrada aos olhos pode não ser feio e sim puro incômodo. E o que mais incomoda? A falta de um rosto onde o outro possa ancorar seus olhos e desejos. Corpo sem cara, objeto sem cara, mundo sem cara. H-umanos desconfigurados.

O corpo oferece sua carne que nunca consegue ver-se. E se o faz, o faz por intermédio do especular, que não produz o que ele é, mas um parecer daquilo que acha que é e daquilo que acha que os outros acham ser. Novamente “o outro” e os mares de Pessoa. Tudo é desassossego. O outro também é fonte enganosa, pois a referência do outro não deveria ser o meu igual e sim as coisas do mundo como a água, o ar, a fauna e a flora e os animais, o mundo natural. A busca por um espelhamento no semelhante pode ser limitante e até mesmo aprisionador. O outro que completa também confunde, pois é puro caos, e o caos, uma ordem a ser decifrada. Assim, só se decifra decifrando o outro. Desorganizando, organiza-se. Mas organiza o quê? Organiza o corpo como imagem, “A imagem confusa que temos de nosso próprio corpo”.^[5] Tal corpo-imagem propõe que “ter relação

com o próprio corpo estrangeiro é, certamente, uma possibilidade, expressada pelo fato de usarmos o verbo ter [...], pois a ideia de si como um corpo tem um peso. É precisamente o que chamamos de ego”.[6]

Somos todos estrangeiros em um corpo que escapa? Ter um corpo sem o ter? O corpo é seu próprio continente e, como tal, estrangeiro em si, que navega entre claridades e sombras moebianas. No espelho, o corpo é refração do simbólico, pois entre o que o especular produz e o que o corpo consegue alcançar da sua imagem, há um imenso mar desassossegado. Lacan argumenta que “essa falha não está condicionada unicamente pelo acaso. Com efeito, o que a psicanálise nos ensina é que uma falha jamais se produz por acaso. Há, por trás de todo lapso, para chamá-lo por seu nome, uma finalidade signifiante”.[7] A finalidade signifiante da interpretação do que retorna do especular para o corpo que observa é uma busca, não com muito êxito, de dar sentido ao que não tem sentido: a própria vida.

REFERÊNCIAS

[1] Trabalho produto do Cartel Fulgurante das VI Jornadas EBP LO. Arte, Política e Sinthoma. Cartelizantes: Nathalia Aguiar (GO), Stephanie Boechat (ES), Anna Rogéria (GO), Laura Assis (GO) e Marcelo Macaue (SP).

[2] FREUD, S. Nossa atitude perante a morte. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

[3] PESSOA, F. *Livro do desassossego*. Edição de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

[4] DESCARTES, R. *Discurso do método*. Tradução de Edson Bino. São Paulo: Edipro, 2016, p. 38.

[5] LACAN, J. *O Seminário, livro 23: O sinthoma* (1975-1976). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p.146.

[6] Ibidem.

[7] Ibidem, p.144.

Foraclusão, letra e invenção. A posição do secretário do alienado ^[1]

Leandro Borges
leandroborgespsi@gmail.com

Este texto persegue a questão que me anima no cartel: o que é ser o secretário do alienado? No Seminário livro 3, Lacan afirma de modo preciso: “Nós, analistas, só temos o direito de nos colocar como secretários do alienado”.^[2] Esse sintagma, que se tornou central na clínica da psicose, não surge no vazio: Lacan o escreve a partir de sua formação psiquiátrica. Na psiquiatria clássica, o “secretário do enfermo” era o auxiliar do alienista, incumbido de registrar minuciosamente relatos, gestos, pausas e silêncios, trabalho tido como secundário e de pouco valor clínico. Ao retomá-lo, Lacan opera um deslocamento: eleva essa tarefa à dignidade de método, fazendo do secretariado a posição do analista na psicose. Essa posição implica um modo singular de escuta, como observa Lacan: “não só nos passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta”.^[3] Trata-se de sustentar a literalidade da palavra psicótica, de acompanhar letra por letra, de ler nas entrelinhas, porque é aí que está em jogo a verdade do sujeito.

Freud nos oferece a primeira lição desse lugar, antecipando em ato o que Lacan viria a formalizar. Ao se debruçar sobre as Memórias de um doente dos nervos, ele se colocou, de certo modo, como o primeiro secretário do alienado: aquele que recolhe, inscreve e lê. Tomou a obra não como simples relato, mas como registro de quem “escreveu sua história clínica e publicou”.^[4] Essa posição exigiu uma leitura minuciosa, linha por linha, em busca da lógica que sustentava a experiência. Freud não viu em Schreber uma narrativa excêntrica, mas a elaboração rigorosa de um delírio organizado pela escrita. Ali, a letra não era ornamento, mas borda contra o excesso de gozo que invadia o corpo. Em Schreber, o gozo toma o corpo, dissolve o Eu em metamorfoses fantásticas, invade a carne com sensações insuportáveis; contudo, o delírio teológico-cósmico ergue-se como suplência. Freud então enuncia: “A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução”.^[5] Ao elevar o delírio à condição de testemunho clínico, confere estatuto à letra psicótica e inaugura a posição ética de reconhecer, no escrito do sujeito, um trabalho de cura. Lacan, ao retomar o caso, formaliza esse ponto estrutural: a foraclusão do Nome-do-Pai deixa o sujeito entregue a um real cru, e a metáfora delirante comparece como suplência, na tentativa de amarrar o que no simbólico falhou.

Em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, Lacan mostra que a foraclusão do Nome-do-Pai abre um buraco estrutural: fracassada a metáfora paterna, o simbólico deixa de operar como limite. O corpo, sem o ponto de basta significante, expõe-se em sua dimensão de corpo gozado, de superfície de impacto do significante tomado como causa de gozo. Como escreve

Lacan: “tudo que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real”.^[6] Se, na neurose, a linguagem oferece uma trama que regula a relação do sujeito com o corpo, na psicose o que se impõe é a *alíngua*, que fazem do corpo o lugar estrangeiro do gozo. É nesse ponto que Miller ^[7] localiza a diferença radical: na neurose, o corpo é tecido pela fantasia e regulado pela função fálica; na psicose, ao contrário, o corpo precisa ser inventado de outro modo, por suplências singulares, amarrações precárias, escritas ou artifícios singulares, que funcionam como modos de costurar o gozo ao vivo. Isto posto, o corpo do alienado não é dado: é escrito, é inventado.

Isso se vê de modo cirúrgico em Schreber: seu corpo era o palco de batalhas entre o significante e o gozo. Nessa luta para dar consistência ao corpo invadido pelo gozo e restituir alguma amarra onde o simbólico falhou, ele se reinventa como a mulher de Deus. A feminização, o empuxo à mulher, marca o transbordar do gozo e sua via singular de oferecer seu corpo ao Outro. Freud observa que “era inevitável que a ideia de ser transformado em mulher se tornasse central em seus delírios”.^[8] Essa construção delirante escreve o corpo: “meus nervos femininos foram, por assim dizer, tocados e afinados como cordas de um instrumento”,^[9] revelando que o gozo se fixa em zonas corporais, que escapam ao reino dos sentidos. A metáfora delirante, nesse caso, ainda que precária, funciona como letra que escreve o corpo: uma tentativa de amarrar aquilo que a forclusão deixou esgarçado, conferindo a ele uma consistência possível.

No cerne da clínica: o secretário opera nesse nível da letra, ou seja, cabe a ele confiscar sua própria palavra em prol da escrita do sujeito. A interpretação cede lugar à manobra: em vez de produzir equívocos que desancoram o sujeito, buscam-se nomeações, recortes e montagens que encostam no real sem exacerbá-lo. O analista-secretário oferece-se como suporte de registro, acompanhando discretamente a sedimentação do dizer, atento aos restos, para que, entre letras e carne, possa se inventar um corpo habitável. É a clínica do artesanato, que trabalha com: fragmentos de letra, restos de escrita, bordas que funcionam como ferragens para sustentar o corpo.

REFERÊNCIAS

[1] Cartel: A clínica das psicoses. Cartelizantes: Raffaella Cunha (GO), Mais-Um. Hítala Gomes (ES), Leandro Borges (GO), Livia Loures (GO) e Tatiane Dassoglio (MS).

[2] LACAN, J. *O Seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. P.238.

[3] *Ibidem* 2. P.236

[4] FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia [1911]. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P.23.

[5] *Ibidem* 4. P. 72

[6] LACAN, J. *Escritos. 1957-1958*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P. 564

[7] MILLER, J-A. “A invenção psicótica” [1996]. In: MILLER, Jacques-Alain (org.). *A psicose ordinária: a clínica do sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

[8] FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia [1911]. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 61.

[9] *Ibidem* 8. P. 150.



FANTASMA

“Do ódio ao amor”^[1]

Elisa Martins Uyttenhove

elisamartinso@yahoo.com.br

Durante a infância, P. tinha muito medo de seu pai, que, com frequência, chegava em casa alcoolizado. Sentia-se acuado e escondia-se aterrorizado. Essa cena é atualizada na vida adulta em diversas situações em que se supõe ser colocado em posição de objeto pelo Outro, com a diferença de que, ao sentir-se intimidado, surge o ódio articulado à construção da fantasia do Outro como rival. A fantasia é o recurso elaborado pelo sujeito como defesa diante do encontro com o real. Durante um percurso de análise, é fundamental abalar as defesas do sujeito, responsabilizando-o em relação ao seu gozo.

Tomando como material de análise o presente caso clínico, tentaremos verificar como é possível fazer pequenos furos na tela da fantasia, possibilitando um reposicionamento do sujeito em relação ao Outro. Veremos como um acontecimento contingente pode fazer vacilar a fantasia, levando o sujeito a ceder algo de seu gozo. Para isso, nos serviremos dos conceitos de alienação e separação articulados por Lacan no *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

É a partir da teoria dos conjuntos que Lacan irá abordar essas duas operações fundamentais da constituição subjetiva. Inicialmente, o sujeito será concebido como um conjunto vazio, sendo através da alienação ao campo do Outro que ele constituirá seu ser. Se na origem do sujeito está o grito, é através de sua interpretação pelo Outro que ele ganhará o estatuto de significante, inserindo o sujeito no circuito da demanda. Nesse sentido, a alienação não implica simplesmente que um significante provenha do campo do Outro, mas que possa haver uma articulação entre S1-S2, produzindo um sentido que introduz o sujeito na linguagem^[1]. O surgimento do sentido promove, por sua vez, um apagamento do sujeito, pois ao se fazer representar pelo significante, algo se perde na impossibilidade do S2 traduzir completamente o significante unário, S1. Nas palavras de Lacan^[3]:

“[...] em nosso esquema dos mecanismos originais da alienação, esse *Vorstellungsrepräsentanz*, nesse primeiro acasalamento significativo que nos permite conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual outro significante tem como efeito a afânise do sujeito”.

Assim, na operação de alienação, o S1 é tomado em sua articulação com S2, estando o sujeito imerso no Outro. O sujeito permanece preso ao Outro, estando o objeto *a*, por sua vez, retido ou encapsulado, de modo que a falta estrutural subjetiva ainda não pode se afirmar. Para falar da posição de assujeitamento em que, inicialmente, nos encontramos em relação ao Outro, Lacan recorre a Hegel, reportando-se à dialética do senhor e do escravo para afirmar que é da posição de escravo que o sujeito tem sua origem. No lugar de escravo, o dilema que se apresenta é a liberdade ou a vida: a liberdade implica em perder a vida, ao passo que a vida só pode ser escolhida privada de liberdade.

No caso clínico mencionado, podemos notar a vertente imaginária da fantasia que situa o Outro como inimigo a ser eliminado. Mas como é possível mover o sujeito dessa posição de assujeitamento?

Frente à posição de submissão do escravo e do efeito afanísico produzido pelo significante, a saída será o segundo movimento que consiste na separação. Nessa operação, o S1 encontra-se separado de S2, o que permite a extração do objeto que surge como causa de desejo, dividindo o sujeito e descompletando o Outro: “pela separação o sujeito acha, se podemos dizer, o ponto fraco do casal primitiva da articulação significante, no que ele é de essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito”^[4]

Diante de um conflito mais recente vivido pelo analisante, podemos compreender como a operação de separação é posta em jogo permitindo esburacar um pouco o imaginário ao qual o sujeito encontra-se aderido, permitindo-o ceder algo do gozo e, conseqüentemente, consentir com a castração.

Em um dos acessos de fúria dirigido à sua mulher pelo fato de ela ter feito uma comida da qual não gostava, P. quebra uma mesa de que seu filho gostava muito. Ao ser questionado por que comer algo de que não gosta, afirma que se tem um prato de comida em sua frente precisa comer tudo, culpando a esposa como se ela o tivesse obrigado a comer.

Nessa cena, fica evidente a posição de submissão que o próprio sujeito se coloca, engolindo tudo o que o Outro oferece. A contingência de quebrar a mesa de seu filho, no entanto, possibilita questionar algo do ódio direcionado ao Outro. Quebrar um objeto de seu filho serve como um limite e ponto de partida para um questionamento que, sob transferência, possibilita devolver-lhe a responsabilidade em relação ao seu ódio.

Após esse acontecimento, P. consegue introduzir a palavra em situações em que antes havia apenas um ódio cego em relação ao outro. Passa a conseguir falar de sua raiva com sua mulher e a não mais tomar os olhares de insatisfação dela como, necessariamente, dirigidos a ele. Os cortes que fazia nos braços quando era invadido pela angústia de perceber-se como dejetivo do Outro também cessam. Quanto mais alienado ao Outro, mais cego o sujeito está para o fato de que, na realidade, o seu ódio é contra si mesmo. É pela operação de separação, promovida sob transferência, que o ódio pode, no entanto, ceder ao amor.

REFERÊNCIAS

^[1]Cartel Leitura do Seminário 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Cartelizantes: Elisa Martins (ES) (Mais-Um), Anallú Guimarães (ES), Eliene Salgado (DF) e Thaís Aguiar (ES).

^[2]http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Alien%C3%A7%C3%A3o_separa%C3%A7%C3%A3o_e_a_travessia_da_fantasia.pdf. Acesso em: 09/10/2025.

^[3]LACAN, Jacques. *O Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. p. 213.

^[4]*Ibidem* p. 213.

Sobre lógica e nuances^[1]

Lucas Fraga Gomes
lucasfragagomes@gmail.com

O que se busca investigar é o uso que Lacan dará à lógica para a formalização da fórmula do fantasma. Estritamente para esse trabalho, o foco será em uma passagem da primeira aula do Seminário 14.^[2] De início, Lacan é enfático ao afirmar que tentará demonstrar a articulação lógica da referida fórmula e, de fato, os dois termos que a compõem possuem um estatuto lógico. Afirma: “[...] Há sujeito a partir do momento em que fazemos lógica, ou seja, quando temos que lidar com significantes”.^[3] A respeito do objeto, diz: “Esse *a* resulta de uma operação de estrutura lógica”.^[4] De acordo com Mortari,^[5] a lógica investiga princípios e métodos de raciocínio. Porém, a lógica não está interessada no processo mental do raciocínio, e sim na construção de argumentos para que se concorde, ou não, com determinada proposição. Assim, existe o CPC, ou seja, *Cálculo Proposicional Clássico*, sendo justamente uma linguagem artificial que lida com proposições que podem ser verdadeiras ou falsas. Observa-se que no CPC há um esforço em que se tenta traduzir a linguagem usual para a artificial. A questão que se coloca é que nesse movimento se perdem as nuances, ou, em uma linguagem mais comum ao campo da psicanálise, a dimensão da enunciação.

Para fins de exemplo, Mortari utiliza o operador conjunção, que justamente usa locuções tais como, “e”, “mas”, para unir duas sentenças, afirmando-as. A questão da nuance se dá justamente aqui, pois, caso se afirme: “João é inteligente e preguiçoso” ou “João é inteligente, mas preguiçoso”, as duas sentenças são logicamente corretas, porém existe uma diferença entre elas, uma “nuance” que se perde. Observa-se então uma: “[...] certa idealização com respeito à linguagem natural – as nuances de sentido diferenciando “mas” e “e” ficam, infelizmente, perdidas.”^[6] Ou seja, é interessante o esforço de Lacan em tentar traduzir para uma linguagem artificial (formal) os conceitos básicos da psicanálise, sabendo que na análise o campo da enunciação, as nuances, são fundamentais. Assim, como formalizar algo que é da ordem do dizer?

Dessa maneira, logo no início do Seminário, Lacan demonstra e formaliza a relação entre o *sujeito barrado* e o *a*. Para tanto, ele recorrerá ao operador da implicação, representado na lógica com uma seta (\rightarrow) e responsável pela construção de sentenças condicionais, ou seja, a partir da condição *se...então*. Isso pode ser formalizado da seguinte maneira: $a \rightarrow b$, onde logicamente se lê: “Se sujeito barrado, então objeto pequeno *a*”. Como dito anteriormente, implicação é um operador que permite construir sentenças condicionais, ou seja, que existe uma conexão entre o antecedente, no caso o sujeito barrado, e o consequente, no caso o *a*. Por fim, extraindo todas as consequências da fórmula aplicada por Lacan, não existe uma condição em que, se temos o *sujeito barrado*, não teremos o *a*.

Ainda, é importante notar que nas sentenças condicionais (que utilizam o operador implicação) não se busca relações causais ou temporais, de fato é justamente o contrário, tenta-se uma abstração dessas relações. A única coisa que se objetiva é uma conexão lógica entre os termos. Ou seja, caso se afirme: “Se $3+1$ é igual a 5, então vivemos em Marte”, ainda que não faça sentido, em termos lógicos é uma implicação verdadeira.

Assim, a partir da construção de Lacan, pode-se afirmar que, se é verdade que existe o sujeito barrado, então logicamente, existe o objeto *a*. Lacan não se interessa por nenhum tipo de psicologismo, a tal ponto que ele afirma que aquilo que o interessa é a existência lógica. Ainda na primeira aula, existe uma passagem um tanto confusa e que, de fato, não é possível saber se é um equívoco de Lacan ou uma maneira singular de se apropriar da lógica. É quando ele afirma que o símbolo da implicação indica que: “[...] o sujeito barrado tem uma relação de *se e somente se* com o *a* [...]”^[7]. Como foi dito anteriormente, no campo da lógica, a implicação é lida como *se x então y*. Para fins didáticos, pode-se utilizar o exemplo: o professor diz em sala de aula: *se vocês estudarem, então vocês passarão de ano*. Acontece que a frase coloca uma condição somente para os alunos que estudarem, não dizendo nada sobre os que não estudam. Ou seja, é totalmente possível que um aluno que não estude passe de ano. Porém, a bi-implicação, representada por uma seta nas duas direções (\leftrightarrow), parece melhor se enquadrar na formulação de Lacan. Remontando ao exemplo dado, na bi-implicação, o professor poderá dizer: *se e somente se vocês estudarem, vocês passarão de ano*. Observa-se que na bi-implicação existe uma condição necessária entre as duas sentenças, ou seja, não existe possibilidade de um aluno não estudar e passar de ano. Assim, retomando Lacan, não existe possibilidade de existir, logicamente, sujeito e não existir objeto. Caso se pense em termos de clínica estrutural, parece que de fato se tem uma formalização que permite pensar a neurose, a metáfora paterna e a extração do objeto.

A tentativa de formalização do objeto, bem como de sua relação de implicação com o sujeito barrado parece evidenciar o início da formalização do que se conhece do fim da análise como travessia da fantasia, ou seja, no percurso de uma análise é necessário fazer um deslocamento do *sujeito barrado* para o *objeto*. E aí se coloca a pergunta: como formalizar o *objeto resto*? Como formalizar o *Tu és* isso que posteriormente Lacan aproximará do objeto *a*? As matemáticas ainda serão o auxílio de Lacan, porém agora na teoria dos conjuntos.

REFERÊNCIAS

[1] Cartel: Leitura do Seminário “A lógica do fantasma” de Jacques Lacan. Cartelizantes: Tânia Regina Anchite Martins, (Mais-Um); Juliana Bressanelli Lora; Lucas Fraga Gomes; Randra S. F. Machado Gondouin.

[2] LACAN, J. O Seminário, Livro 14: A lógica do fantasma. 1º ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

[3] Ibidem. p.14

[4] Ibidem. p.15

[5] MORTARI, C. Introdução à lógica. 2.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2016.

[6] Ibidem. p.102

[7] Ibidem 3.

O ensino dos sonhos^[1]

Randra Machado Gondouin

randra@me.com

A experiência do cartel levou-me a investigar os sonhos nos testemunhos de AE, a partir da hipótese de que estes possam operar como um índice do ponto de extração do objeto e seu mais além, no percurso de uma análise levada até o fim. Nos testemunhos, os sonhos aparecem como fragmentos que condensam restos e revelam pontos de mutação da posição do sujeito frente ao objeto. É nesse horizonte que retomo elementos do passe de Ana Lúcia Lutterbach, o primeiro testemunho do Cartel do Passe da Escola Brasileira de Psicanálise, neste trabalho ainda em construção.

A escrita do testemunho não se constrói a partir de uma cronologia, de uma totalidade ou linearidade da vida, mas pelos fragmentos, pedaços e marcas da história. Nele, Ana Lúcia localiza nos sonhos atravessamentos cruciais de seu percurso em análise: a passagem da posição de objeto identificado à fantasia, obstruindo o desejo, para sua extração e, portanto, a possibilidade do objeto enquanto causa. E, em um momento posterior, uma relação rarefeita de sentido com a produção onírica. Não se trata apenas de interpretar o sonho, mas de reconhecer nele um ponto de virada.

Primeiro sonho: um cachorro defecando um patê é olhado por um jovem. Interpretação do analista: “esse patê é você”. Nesse sonho, condensam-se diversas versões do objeto pulsional: o oral, o anal, o olhar, o falo e o objeto da fobia infantil — o cão. O significante *patê*, presente no sonho, é o nome de gozo encontrado na posição de objeto para ser tido. A identificação ao objeto anal indica a posição em relação ao Outro: ora como objeto precioso e retido, ora como objeto dejetado e caído — “bela, como uma bela merda”. Trata-se de um sonho-chave para a travessia do programa do fantasma, sua produção é, por si só, uma redução: o objeto mostra-se purificado, fora do drama familiar, além de qualquer encapsulamento imaginário.

O sonho permite uma cadeia interpretativa: “fazer-se cão” (posição sacrificial), “fazer-se pavê” (posição de ser visto), “pá cumê” (ser comido), “para tudo” (oferta total ao Outro), até “pastout” — este último como significante do furo, da falta no Outro. O deslizamento toca o limite do significante e encontra em *PATU* um neologismo não pertencente à língua materna. Este ponto se revela caro, pois do *patê* ao *PATU* opera-se uma travessia que revela o real próprio à estrutura feminina^[2]

A nomeação do gozo opera como extração do objeto. Essa extração implica o esvaziamento do saber que sustentava a posição que o sujeito ocupava, aquela de ser, fazer e acontecer para um suposto gozo do Outro. Objeto, antes fixado como obstáculo ou obstrução à existência, passa a operar como causa. Diferente do tempo anterior, onde sujeito estava identificado ao objeto idealizado ou perverso, satisfazendo-se no gozo fálico, nesse segundo momento há a possibilidade de algo novo. Ana Lúcia avança:

Verificar o que me fazia um objeto para se ter, fazer e acontecer, para um suposto gozo do Outro resultou em um certo esvaziamento de mim, do eu e o desmoronamento de um mundo inteiro no qual me apoiava. Sem apoio, fiquei à deriva. O sinthoma no final de análise dará um novo apoio, uma fixação plástica, sem fixidez^[3]

Segundo sonho: “Atravesso meu corpo de um buraco a outro, me mexendo entre as entranhas, carne, sangue, biliar, excremento. Sou e estou no corpo. Esse corpo em pedaços é servido cru em uma bandeja. Sou despertada por um prazer indescritível, pura satisfação sem sentido.”^[4] Este sonho me colocou a trabalho: qual o seu estatuto no testemunho? Um sonho sem centro, sem ancoragem significativa. O corpo despedaçado é servido cru e o despertar transborda prazer sem língua. Trata-se, então, de uma nova posição, uma experiência em que não há interpretação possível, restando apenas a opacidade do gozo. O objeto, não mais circunscrito no campo do Outro, mostra-se em sua vertente pulsional não simbolizável — sem abismá-la, pois “não se trata de angústia ou gozo mortífero, mas de satisfação no corpo”^[5] E, ainda que o sonho permaneça um artifício, ele bordeja um real que não se diz e que só pode ser testemunhado.

Souto^[6] me ajudou a pensar neste sonho a partir de uma referência de Miller^[7], ao apresentar que, no ponto mais avançado do ensino de Lacan, o inconsciente não seria mais da ordem do significante, mas da imagem e apenas ela poderia surgir frente ao silêncio do real. Presumo, então, que o sonho mostra o que não pode ser dito.

Sendo assim, no passe, este sonho pode operar como imagem-recurso ao real? Sendo este não mais uma via de acesso ao saber do inconsciente estruturado como linguagem, mas um cenário-limite, onde o objeto é extraído de sua função de semblante e indica, em sua crueza, um irrepresentável?

Miller^[8] destaca que, ao situar o gozo no posto de comando, obtemos uma cisão entre o inconsciente transferencial e o inconsciente real. Essa cisão é precisamente o que se entrevê nos dois sonhos de Ana Lúcia: o primeiro, situado no campo da interpretação e do inconsciente transferencial, dominado pelas modalidades do objeto; e o segundo, como irrupção de um inconsciente real, em que o gozo se apresenta em estado bruto, desvinculado do Outro.

A função do sonho, como imagem de um impossível, mais que um enigma a ser decifrado, revela, assim, para mim, sua potência ao testemunhar a travessia de uma análise até a opacidade do gozo. Indicando, no testemunho de Ana Lúcia Lutterbach — o primeiro do Cartel do Passe da EBP —, o ineditismo de um mais-além da fantasia.

REFERÊNCIAS

- ^[1] Trabalho produto do cartel: Aposta no passe. Cartelizantes: Adriano Moreira (ES), Nadja Martins (ES), Olenice Amorim (ES), Randra Gondouin (ES) e Sérgio de Mattos (MG), mais-um.
- ^[2] HOLCK, A. L. L. *Patu. Uma mulher abismada*. 2. ed. Belo Horizonte: Scriptum, 2011.
- ^[3] *Ibidem*, p.112.
- ^[4] *Ibidem*, p.113.

^[5] Ibidem, p.114.

^[6] SOUTO, S. *Curinga: Interpretação e real*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n. 49, 2020, p.66

^[7] MILLER, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

^[8] Ibidem, p.108.

FEMININO

Três mil anos de anseio^[1]

Tânia Mara Alves Prates
tania.prates@uol.com.br

E por falar em amor, me deparei, por indicação de Fanny Daniel, com este lindo filme “*Three Thousand years of longing*”, dirigido por George Miller em 2022^[2]. No filme, uma acadêmica, doutora em narrativas literárias, comprou em Istambul uma antiga garrafinha e libertou acidentalmente um *djinn* (gênio). Esta criatura lhe ofereceu a realização de três desejos para que ele pudesse conseguir sua liberdade.

A cientista, muito cética quanto à veracidade do que acontecia e se dizendo “satisfeita com sua vida”, não queria embarcar nesta aventura, temerosa das consequências dos seus desejos. O *djinn*, então, contou suas desventuras nos últimos três mil anos na esperança de que ela o libertasse.

Seu primeiro encarceramento foi feito pelo rei Salomão, pela concorrência em sua relação com a rainha de Sabá, que para o *djinn*, era A Beleza. O filme mostrou o seu horror ao ver a paixão de sua vida se entregar a outro amor e não interceder quando Salomão o encarcerou e o jogou no Mar Vermelho, onde ele ficou por dois mil e quinhentos anos. A rainha de Sabá, no filme, encarnou o objeto *a* para os homens que se aproximavam dela e o *djinn* foi pego pelo seu desejo.

O *djinn* desabafou: “Eu posso ser um gênio imortal, com muitos poderes, mas sou um tolo que se deleita com a fala das mulheres”.

Para Lacan: “Chamemos heterossexual, por definição, aquele que ama as mulheres, qualquer que seja seu sexo próprio. Eu disse amar e não prometido a elas por uma relação que não há. É justamente isso que implica o incansável do amor, o qual se explica por essa premissa.”^[3]

Em outra vida, a escrava que o libertou desejava o amor do filho do sultão e queria ter um filho com ele. Frente à sua morte, ela se matou, podendo ter se salvado e a seu filho. Ela acreditava na relação sexual. O *djinn* foi novamente encarcerado e posteriormente jogado ao mar.

A terceira mulher que o libertou tinha o desejo de tudo saber, vivendo em êxtase com o conhecimento e, fixada no S (*A*). Para Lacan: “A alma alma a alma, não há sexo na transação. O sexo não conta neste caso”^[4].

Para Lacan: “É na medida em que seu gozo é radicalmente Outro que a mulher tem mais relação com Deus do que tudo o que se pôde dizer na especulação antiga, ao se seguir na via do que só se articula manifestamente como o bem do homem”^[5].

Quando o *djinn* conheceu essa mulher ávida por conhecimento, ele se apaixonou. “Eu a amei. Eu amava sua mente fervorosa, amava sua raiva. Eu amava meu poder de transformar seu olhar sério em sorrisos. Eu a amava mais do que a minha liberdade e queria continuar sendo prisioneiro dela. Isto a aprisionou. Como pode ser um erro amar alguém tanto assim?” Por essa mulher, ele viveu o aprisionamento por mais duzentos anos.

Quando ele conheceu a cientista, queria que ela recebesse os três desejos para que ele se libertasse, mas ela se apaixonou por ele e por suas narrativas. Seu primeiro pedido foi o seu amor: “Quero que nossas solitudes sejam vividas juntas”. Esse desejo foi concedido. Seu segundo desejo foi para salvá-lo da morte. O terceiro desejo o surpreendeu: Ela disse: “O amor é um presente que se dá voluntariamente. Não é algo que se pode pedir. Meu terceiro desejo é que você seja livre e volte para o lugar ao qual você pertence”.

Lacan já havia sinalizado: “O amor é dar o que não se tem”^[6]. Assim, a cientista deu a derradeira prova de seu amor. Ela disse: “O amor não se alcança com a razão. É parecido com um vapor, um sonho, para nos atrair para o encantamento de nossas próprias histórias. Como podemos saber se é real, se é verdadeiro ou se é simplesmente uma loucura?”

Para Lacan:

“O que o discurso analítico nos traz – é que falar de amor é, em si mesmo, um gozo. [...] O princípio do prazer só se funda na coalescência do *a* com o *S* (*A*). Isto não quer dizer que basta barrá-lo para que nada mais dele exista. Se com esse *S* (*A*) eu não designo outra coisa senão o gozo da mulher, é certamente porque é ali que eu aponto que Deus ainda não fez a sua retirada”^[7].

Lacan acrescentou: “O que se viu, mas apenas do lado do homem, foi que aquilo com o que ele tem a ver é com o objeto *a* e que toda a sua realização quanto à relação sexual termina em fantasia”^[8].

Lacan acrescentou, mais ainda:

“A questão é saber no que consiste o gozo feminino, na medida em que ele não está todo ocupado com o homem e mesmo, eu diria que, enquanto tal, não se ocupa dele de modo algum, a questão é saber o que é do seu saber. [...] A mulher só pode amar no homem a maneira com que ele enfrenta o saber com que ele alma. [...] Quanto mais o homem se possa prestar, para a mulher, à confusão com Deus, aquilo de que ela goza, menos ele odeia e menos ele é – e uma vez que, depois de tudo, não há amor sem ódio, menos ele ama”^[9].

Para Lacan “a pulsão designa a conjunção da lógica com a corporeidade [...] o amor cortês é a tentativa de ultrapassar o amor narcísico [...] só que existe a outra vertente, a relação da sublimação com a obra de arte”^[10].

Este filme trata sobre o amor, amor à humanidade, baseado em um conto de A. S Byatt “O gênio no olho do rouxinol”, e fez um passeio pelas narrativas históricas tentando decifrar um dos enigmas da

humanidade: O que é o amor? Ele ainda nos brinda com um roteiro musical primoroso de Tom Holkeborg. A sétima arte se presta muito bem a elucubrações!

REFERÊNCIAS:

[1] Cartel Seminário 20. Participantes: Tânia Mara Alves Prates (ES), Mais-Um. Cristina Alves Barbosa Santos (GO), Fernanda de Fátima Fernandes (GO), Nadja Martins (ES), Yana Júlia Lissandretti (MS).

[2] *Three Thousand years of longing*, dirigido por George Miller e produzido por Doug Mitchell e George Miller em 2022, com Idris Elba e Tilda Swinton. Produção dos Estados Unidos e Austrália. Disponível na Amazon Prime Vídeo, Telecine, Google Paly e Apple TV.

[3] LACAN, J. O aturdido. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 467.

[4] LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 112.

[5] *Ibidem*. p.111.

[6] LACAN, J. A direção do tratamento. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 624.

[7] LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 112-3.

[8] *Ibidem*. p. 116.

[9] *Ibidem*. p. 118-20.

[10] LACAN, J. *O Seminário. Livro 16. De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 223-25.

Das terras-pedras aos laços de uma sessão: coletânea^[1]

Daniel Camelo Rancan
danielrancan@gmail.com

A Educação pela Pedra^[2]

Uma educação pela pedra: por lições;
Para aprender da pedra, frequentá-la;
Captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
Ao que flui e a fluir, a ser maleada;
A de poética, sua carnadura concreta;
A de economia, seu adensar-se compacta:
Lições da pedra (de fora para dentro,
Cartilha muda), para quem soletrá-la.
Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
E se lecionasse, não ensinaria nada;
Lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
Uma pedra de nascença, entranha a alma

A pergunta que guiou esse trabalho de cartel: coletânea, significante que faz laço? Foram entrevistadas duas pessoas da Seção Leste-Oeste: Ordália Junqueira, membro da Seção Leste-Oeste da EBP/AMP e Luísa Lima NPJ. Por meio dessas, buscou-se apreender as ressonâncias que a pergunta produziu para ambas.

A Seção Leste-Oeste tem uma composição cartográfica peculiar. Quando se pensa na representação gráfica dos lugares que compõem essa seção, se depara com uma multiplicidade de territórios geográficos, geológicos, culturais e afetivos. Um regionalismo multidiverso, modos de ver, falar, cantar, dançar, ouvir, comer que faz fronteira com uma língua maior, a psicanálise.

Nas terças-feiras pela noite, quando seu funcionamento em espaço virtual toma forma, faz-se dessa fronteira, algo do próximo, do palpável. Quase que se alcança o cheiro do pequi, da carne serenada de Maria Izabel, da moqueca capixaba, e do amontoado culinário candango.

Nas transmissões da seção, é quando o sotaque goiano faz do dizer analítico, a habitação de uma língua menor^[3] aquela dos confrontos entre mouros e cristãos (Cavalcadas), das romarias em torno do imperador e da corte (Festa do Divino), dos teatros que contam o nascimento do enlace entre cultura popular e religiosa (Pastorinhas).

Essa diversidade de sotaques linguageiros que estrutura a Seção Leste-Oeste se organiza em torno do saber analítico e, ao se interpelarem, causadas por uma orientação de Escola (EBP/AMP), produzem diálogos como as Jornadas.

Miller orienta, tomando o poema de Drummond, que a partir da dialética entre pedra e caminho é possível pensar a relação analítica. Alegoria que ensina na língua portuguesa, o osso tal como obstáculo ao tratamento. O caminho é impessoal, mas ao convite da repetição significativa, pode ser tomado como “meu”. E daí, aquilo que é da ordem do obstáculo, o osso, passa também a fazer parte desse percurso: “o caminho cria a pedra que está em seu meio”^[4].

O caminho é o da fala, assim como a pedra. A pedra como pedaço de terra, a terra como compando o chão do caminho. O reino mineral e a travessia se enlaçam fazendo dessa composição um cenário. Miller aponta a relação dos analistas com a escola: “A escola de psicanálise seria uma escola de pedras, de como fazer belas pedras, e assim as coisas que se movem são as coisas que caminham”^[5]. A Seção Leste-Oeste, composta de um cenário itinerante, pedras compostas por terras múltiplas, e o belo como um fazer a se construir.

A palavra coletânea é um substantivo feminino, a ideia deste trabalho é localizar COLETÂNEA como um significante no âmbito da seção Leste/Oeste e acompanhar o laço que esse cria no espaço da seção, assim como na relação da seção com a escola. Para tanto, a reflexão de Miller^[6] sobre a escola foi tomada como bússola:

“A Escola é uma formação coletiva na qual se sabe a verdadeira natureza do coletivo. Não é uma coletividade sem Ideal, mas uma coletividade que sabe o que é o Ideal, e o que é a solidão subjetiva. A Escola é uma soma de solidões subjetivas, e é este o sentido de nossa fórmula, ‘um a um’

O osso, na operação de tradução linguística, passa a ser pedra. A poesia de Drummond, localiza para Miller, na língua portuguesa, um possível equivalente ao osso em francês. Essa leitura produziu uma ressonância poética que se escolheu seguir para poder adentrar na questão: “o caminho é a terra que diz sim, é a terra que aceita ser percorrida, enquanto a pedra é a terra que diz não. Logo ambos, a pedra e o caminho, são a terra que fala”.

A terra interpela o falasser, estando na composição de ambos, caminho e pedra, é quem interroga. Frente a esta indagação, assumiu-se uma amplificação nos termos millerianos. João Cabral de Mello Neto, em uma educação pela pedra, que escreveu da pedra^[7] as lições, conforme o poema, são compostas em duas direções: de fora para dentro, em quatro lições. E de dentro para fora, uma lição.

Primeira condição para sua apreensão: “frequentá-la” e com isso alcançar sua voz impessoal. Na lição moral é fria, resiste ao que flui; na poética, é “carnadura concreta”, cumprindo sua função no poema sem adorno; na econômica, tornar-se compacto. Com sua “cartilha muda”, conserva-se o peso, íntegra.

Já quando é de dentro para fora, tem o sertão como cenário, e não ensina nada. A pedra em condição “pré-didática”, é origem e, por isso, “entranha a alma”. Seguindo Cabral, pode-se ressoar a terra que diz não, apontada por Miller^[8]. Sendo a pedra uma questão de nossa poesia^[9], talvez seja, enquanto poema, uma forma de se alcançar esse não.

Percorrendo os rastros levantados pelas entrevistas, chegou-se a “coletar”: “reunir esses muitos criando algo único”. Da colocação de Ordália pode se retirar a ideia de extrair do múltiplo, algo do um, do singular. Já Luísa pontua: “...cada um escreve, a partir do UM do gozo do UM, e quando fica registrado na coletânea, é uma maneira de fazer laço, com a escola, com os colegas”.

Esses excertos orientam uma direção, talvez uma vocação, que a Coletânea tenha na Seção Leste-Oeste. Fazer desta coletividade “não-toda” da Seção, caracterizada por uma topologia cartográfica muito própria, uma ficção temporária que escreve. Na solidão subjetiva do “um a um” enlaçado ao ideal advertido no coletivo, a pedra encontra o belo, e faz do caminho texto.

“Cada escrita é um caminho singular de composição e, portanto, dar a ver um desejo-escrita pode promover a ativação de mais desejo escrita. Disso não se sabe completamente, mas se aposta”^[10]

Desse “gozo do UM” do qual se escreve até a reunião “dos muitos em algo único” é que se chega a COLETÂNEA. Um texto-rizoma, que captura a multiplicidade das terras, não estabelecendo seu fazer a partir de um centro, desterritorializando o cosmo de cada uma das 4 sedes, agenciando os sotaques da língua menor de cada lugar, reterritorializando-os num dizer na língua maior, a psicanálise de orientação lacaniana. E ensina à Escola/EBP que do múltiplo, das fronteiras de seus territórios, se inventa um novo e assim se produz o vivo da psicanálise.

REFERÊNCIAS

^[1]Trabalho produto do Cartel Fulgurante da Comissão Editorial das VI Jornadas EBP LO, inscrito com o tema: Coletânea. Cartelizantes: Cléa Martins Machado de Oliveira - Vitória (ES) - mais-um, Daniel Camelo Rancan - Brasília (DF), Fernanda de Fátima Fernandes - Catalão (GO), Katiuscia Kintschev - Campo Grande (MS), Olenice Amorim Gonçalves - Vitória (ES), Patrícia Marinho Gramacho - Goiânia (GO).

^[2]MELO NETO, João Cabral. *Uma educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Objetiva 2008.

^[3]DELEUZE, Gilles. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

^[4]MILLER, Jacques-Alain. A operação redução e A articulação e o investimento In: *O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Zahar 2015.

^[5] Ibidem, pg 40

^[6]MILLER, Jacques-Alain (2000). Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. In: *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 7. Número 21. novembro 2016. ISSN 2177-2673.

^[7]SECCHIN, Antonio Carlos. João Cabral de ponta a ponta. Recife: Cepe, 2020.

^[8]MILLER, Jacques-Alain. A operação redução e A articulação e o investimento In: *O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Zahar 2015.

^[9]CASTELO BRANCO, Lucia. *Chão de Letras, as literaturas e a experiência da escrita*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

^[10]TEIXEIRA, Ângela Castelo Branco, *À escrita : um outro se arrisca em ti*. - São Paulo: UNESP, 2018.

Restos e seus usos^[1]

Olenice Amorim Gonçalves
olenice.psi@gmail.com

A questão “o que acontece, enquanto uma análise acontece?” me acompanha faz algum tempo. Um dos testemunhos de passe de Marina Recalde^[2] *Cinco conclusões para chegar a um final* capturou-se ao abordar os restos recolhidos em cada um dos trechos de sua análise, interrogando se haveria uma análise a do *fallasser* em seu percurso até o saber fazer com, ou análises, considerando que cada trecho, em cada um dos percursos com um (a) analista diferente ou com o mesmo (a) em distintos momentos da vida, estaria demarcada uma análise.

Nesta perspectiva, o que definiria uma análise?: Um (a) novo analista? O decurso de um tempo que compreende várias sessões?

Segundo Lacan^[3], os três tempos de uma análise, instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir, constituem uma sessão. Então, qual o critério para delimitar e distinguir que análise chegou ao seu fim?

Tomando como premissa os trechos de uma análise que acontecem ao longo de uma vida, para aquelas pessoas que se destinam a investirem nesse percurso, o passe de Marina Recalde ensina que os restos de um trecho são o que definem seu fim, e, não apenas, que são estes mesmos restos investidos como mola propulsora, que implicam o *fallasser* na tomada de um próximo trecho de sua análise, ainda.

Esta outra análise, uma, duas, três, ... algumas vezes, até o final, nos passes tomados no percurso deste cartel, se apresentaram constituídas da parceria com um outro analista, diferente do anterior.

Aqui uma definição de resto se apresenta como o que decanta de uma análise propulsionando uma outra seguinte, quando os restos ainda, uma e outra vez, retornam investidos e desacompanhados de um *saber fazer com eles* (*arranjar-se, arreglar*).

O objetivo do trabalho sob o qual me debruço neste cartel é localizar os restos nos testemunhos de passe apresentados pelos Analistas da Escola. Quais restos? Aqueles localizados nos trechos do percurso de suas análises e que impulsionaram ao ainda, e aqueles do fim, quando ainda que retornem uma e outra vez, encontraram-se com o impossível, com um arranjo criativo, e com a fluidez do passar do real ao semblante usufruindo de uma pitada de vida.

Restos – uma categoria, distintas noções

Miller ^[4], em *A salvação pelos dejetos*, ao abordar o tema da sublimação, retoma tanto a expressão religiosa “salvar-se” apoiada na premissa de que uma cura que suspenda o sintoma possa chegar à verdade de uma satisfação durável, dita superior. Neste ponto, retoma Valéry ^[5] apontando como inócu a procura da salvação pelos ideais e a psicanálise como a promessa de salvar pelos dejetos a partir de Freud. E então, “o que é o dejetos?”

O termo tem muitas ressonâncias para aqueles que, mesmo que rapidamente, percorrem o ensino de Lacan. É o que é rejeitado e especialmente rejeitado ao cabo de uma operação onde só se retém o ouro, a substância preciosa a que ela leva. [...] é o que cai, é o que tomba quando por outro lado algo se eleva. É o que se evacua, ou que se faz desaparecer enquanto que o ideal resplandece. O que resplandece tem forma. Pode-se dizer que o ideal é a glória da forma, enquanto o dejetos é informe. Ele prevalece sobre uma totalidade da qual ele é só um pedaço, uma peça avulsa.^[6]

Servindo-se da arte surrealista, Miller ^[7] afirma que o surrealismo faz o dejetos passar à categoria do belo, sem, contudo, este questionar. O dejetos é oferecido como objeto de arte, o que comportaria a sublimação: estetizar o dejetos, idealizando-o, dignificando-o.

Para Miller ^[8] a definição de Lacan para a sublimação portaria em si mesma a definição de sublimação, uma vez que tanto elevar (verbo) quanto dignidade (substantivo) já portariam em si o desígnio da sublimação, uma vez que se afastam do gozo como tal nu, cru.

De um lado estaria o gozo cru, autista, ele por ele mesmo, ousado dizer, do Um. De outro, o gozo idealizado, limpo, vazio, reduzido à falta, reduzido à castração, reduzido à ausência da relação sexual. O gozo assim, para Miller ^[9], é um gozo sublimado. Dito de outra maneira: entrelaçar o gozo cru com o discurso do Outro, fazendo laço social, é uma operação sublimada; se dá pela via da sublimação.

O que cada um faz com os restos extraídos, ou seja, os usos inventivos possíveis que cada falar analisar faz a partir do atravessamento de seus trechos de análise, é o que aqui interessa.

Garimpo às avessas

Em empenho à leitura dos passes de Sérgio de Mattos (AE 2021 – 2024), Marina Recalde (AE 2013 – 2016) e Leda Guimarães (AE 2000 – 2003) proponho-me um garimpo às avessas. Uma leitura que toma por instrumento deixar passar o ouro, o brilho que desde o início de minha formação glamourizou as apresentações de passes nos congressos, jornadas e encontros dos quais participei, acompanhados pelas mais escabrosas elucubrações, chegando aos devaneios e críticas indenitárias pela comunidade psicanalítica. Uma boa aposta esta a de suspender o passe e localizar uma crise, uma transformação. Dela, algo novo para o movimento de Escola talvez possa emergir. Da tecnologia inventada para reter dejetos crus e, deixar passar o brilho, o que deles se fez transcorrido o processo psicanalítico de cada um dos Uns dos AE me ponho a lapidar.

Para inventar este artifício, sirvo-me de alguns fios, que resistentes e flexíveis simultaneamente, permitam tramar pontos de encontro que sirvam de filtro. Tais pontos os elejo, até o momento: “**O passe é da Escola**”. Esta foi a frase que escutei do mais-um na primeira reunião em que trabalhamos o passe de Leda Guimarães ^[10] e após minha interpelação do relato de que após o fim Leda experimentou por anos uma espécie de estado depressivo. O mais-um ao salientar que o passe é da Escola, convocou a contextualizar cada passe e o entendimento do fim de análise considerando o momento epistêmico no qual a psicanálise se encontrava e o movimento da escola, inclusive em seu vetor institucional, visando o avanço da psicanálise?

REFERÊNCIAS

- [1] Trabalho produto do cartel Aposta no Passe, inscrito na Seção Leste-Oeste em 15/12/2023. Cartelizantes: Adriano Moreira, Nadja Martins, Olenice Amorim Gonçalves, Randra Gondouin, Sérgio Eduardo Cordeiro de Mattos (Mais-Um).
- [2] RECALDE, M. *Cinco conclusões para chegar a um final*. Revista Arteira: revista de psicanálise, Florianópolis, n. 8, ano 2016. Disponível em: <http://revistaarteira.com.br/images/pdf/Arteira-8.pdf>. Acesso em: [03/10/2024].
- [3] LACAN, J.[1945] *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. Um novo sofisma*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. pp. 197-213.
- [4] MILLER, J.-A. A salvação pelos dejetos. In: *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan: entre desejo e gozo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. pp. 227-233.
- [5] *Ibidem*, p. 230.
- [6] *Ibidem*, pp.227-8.
- [7] *Ibidem*.
- [8] *Ibidem*.
- [9] *Ibidem*.
- [10] SALAMONE, L. D.& GUIMARÃES, L.. *Una mujer y un hombre después del análisis*. – 1ª ed. – Olivos: Grama Ediciones, 2016. ISBN 978-987-4136-01-5. CDD 150.195



SINTHOME E FEMININO

A mulher e a mãe: da frustração à devastação^[1]

Hítala Gomes
hitala@gmail.com

“Mulher não é um mal; direi: tão só mulher” (Medeia)

Lacan^[2] irá trabalhar a frustração como algo que está no cerne das relações primitivas da criança, e a função do objeto aparece em relação à falta. De acordo com Lacadée^[3], a tese essencial que Lacan introduz em 1956-57 é que, depois de Freud, a relação de objeto só pode ser compreendida a partir do falo. A mãe vai encontrar na criança uma satisfação, algo que amenize sua necessidade de falo.

Porém, “[...] nenhuma satisfação por um objeto real qualquer que venha aí como substituto jamais consegue preencher a falta na mãe.”^[4]

Meu objetivo é explorar como as mulheres lidam com esta frustração que, por um lado, é fundamental para que a criança consiga se estabelecer enquanto um sujeito, mas, por outro lado, pode recair de uma maneira intensa e com um sofrimento avassalador.

Ainda hoje, muitas mulheres acreditam em um discurso que propõe a maternidade como a maneira de alcançar a feminilidade e a completude.

Nos anos 70, os movimentos feministas partiam das reivindicações de empoderamento das mulheres sobre seu corpo: contraceptivos, legalização do aborto, temas que envolviam a apropriação do corpo e a rejeição de um lugar de reprodutoras, lugar que implicava para elas um destino reduzido a ser mãe ou esposa.^[5]

Tradicionalmente, o feminino é associado ao materno, e os cuidados com as crianças são tidos como de responsabilidade das mães. É notório o adoecimento social decorrente disso. De acordo com Iaconelli^[6]

[...] as transformações do corpo na perinatalidade e os movimentos subjetivos necessários à construção do lugar parental exigem um trabalho psíquico intenso e, muitas vezes, produzem efeitos disruptivos.

A disjunção da fantasia da maternidade acontece a partir de uma narrativa social idealizada, que coloca a parentalidade como a maior realização possível e, no final das contas, no caso da maternidade, o reconhecimento social não supera o desgaste do trabalho. Dessa maneira, homens e mulheres ficam às voltas com o suicídio

dio ou ameaças à vida dos bebês, fazem construções delirantes, inibições, entre outros sintomas.

“Tipicamente a loucura e os sofrimentos dos jovens pais piora porque se sentem menos adequados, menos eficientes e menos felizes do que deveriam estar”.^[7]

Ao lado das demandas capitalistas, a maternidade virou também uma exigência de produtividade. Não basta ter o filho, tem que cuidar da melhor maneira, e continuar sendo “funcional”, manter-se no trabalho, manter o “shape”, etc.

Miller^[8] aponta a natureza imaginária como um obstáculo inconsciente à maternidade. A gravidez em si já mexe na imagem do próprio corpo, e são frequentes os testemunhos sobre este incômodo imposto pela gravidez. Esse dano na imagem redobra o dano encarnado pela castração real, a gravidez traria uma deformidade suplementar ao corpo feminino.

Diante de tantas exigências impostas à mulher e todas as consequências que envolvem o tornar-se mãe, muitas mulheres rejeitam, por conta própria, a maternidade, para se colocarem no lugar de sujeitos de direito em pleno exercício. Em outros casos, a rejeição é inconsciente, elas até anunciam que querem ser mães, mas, por razões que não são fisiológicas, não conseguem.

De acordo com Miller^[9], é a partir dessa rejeição inconsciente da maternidade que é possível separar na esfera inconsciente a mulher da mãe. “Rejeita-se ser o Outro da demanda, que é a mãe, para ser, como mulher, o Outro do desejo”. Ele ainda relaciona essa rejeição à devastação da relação mãe-filha.

A devastação vai além de uma tensão existente na relação da mãe com a filha, é mais violenta e sem limites. Algo do ilimitado do desejo da mãe aparece, relaciona-se, então, com uma troca fálica impossível.^[10]

Portanto, se por um lado, há uma substituição imaginária da criança ao falo, que traz certa saturação, como defendia Freud, que pode provisoriamente apaziguar e causar essa sensação de completude, de outro lado, há algo do real irredutível que gera uma disjunção entre a criança e o falo.

Na falta de um manual que funcione efetivamente, com relação à maternidade, cada mulher precisa inventar a sua resposta. Em alguns casos, mais marcantes, o filho “[...] faz irrupção na subjetividade da mãe como sendo o que a despoja de seu ser e de seus atributos”.^[11]

De acordo com Brousse^[12], “[...] a angústia é a outra face da devastação”.

A devastação aponta para uma feminilidade insuportável. Nota-se, assim, que o sujeito devastado é desapossado de seu lugar de fala, é um sujeito reduzido ao silêncio, e como corpo ou comporta um excesso ou um buraco. Para que uma troca seja possível, o falo precisa entrar a nível significante, e não como fetiche. Por isso, os sujeitos devastados têm grande dificuldade na vida amorosa, pois não conseguem consentir em colocar seus corpos na troca simbólica, seja pela via da relação sexual ou da maternidade.

O fato é que nem toda mulher encontra a satisfação apaziguadora no filho que nasceu, pelo contrário, pode aparecer aí um sofrimento sem limites, devastador, que se relaciona com o fora do simbólico da feminilidade. Isso porque o filho confronta a mulher quanto a falta de saber como mãe e, também como mulher, ou seja,

ele põe em jogo o desejo e a falta neste encontro.

Que a mãe seja uma mulher é uma questão que muitas vezes o sujeito só consegue lidar por meio da análise. Medeia nos lembra que a feminilidade não se extingue na maternidade. Nas suas palavras: “*Empunhar a égide dói muito menos que gerar um filho*”.^[13]

REFERÊNCIAS

- ^[1]Cartel Psicanálise com Crianças, Mais-Um: Hítala Gomes (ES), Cartelizantes: Ana Paula Brumatti (ES), Cléa Martins Machado de Oliveira (ES), Emanuele Pezzin (ES) e Lívia Bicalho(ES).
- ^[2]LACAN, J. O Seminário livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ^[2]LACADÉE, P. Duas referências essenciais de J. Lacan sobre o sintoma da criança. In: *Opção Lacaniana*, n.17, 1996.
- ^[4]LACAN, J. op.cit
- ^[5]BROUSSE, M.H. *Modo de gozar em feminino*. Paris: Navarin Editores, 2021.
- ^[6]IACONELLI, V. Sobre as origens: muito além da mãe. In: TAPERMAN, D.; GARRAFA, T; IACONELLI; *Parentalidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 11-22.
- ^[7]DUNKER, C. I.L. Economia libidinal da parentalidade. In: TAPERMAN, D.; GARRAFA, T; IACONELLI; *Parentalidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p.39-54.
- ^[8]MILLER, Jacques-Alain. Madremujer. In: *El Psicoanálisis: Revista de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis*, n. 29, 2016. Disponível em: <https://elpsicoanálisis.elp.org.es/sumario-digital-29/>. Acesso em: 23 set. 2025.
- ^[9]Ibidem, p.5.
- ^[10]VIEIRA, M. A.; BARROS, R. R. Mães. Subversos, 2001.
- ^[11]SOLANO-SUAREZ, E. Maternidade blues. In: ALBERTI, C.; ALVARENGA, E. Ser mãe – mulheres psicanalistas falam da maternidade. Belo Horizonte: EBP, 2018.
- ^[12]_____. Mulheres e discursos. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2019.
- ^[13]EURÍPIDES. *Medeia*. Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. Comentários de Otto Maria Carpeux. São Paulo: Editora 34, 2010.

Sinthoma e feminino: algumas aproximações^[1]

Anna Rogéria Nascimento de Oliveira
annavertigo001@gmail.com

Em primeiro lugar, gostaria de tecer alguns comentários sobre minha experiência neste cartel. No início, algumas perguntas aos poucos foram cedendo e pude articular o meu tema com o Último e Últimíssimo ensino de Lacan. As participantes e o Mais Um igualmente compartilhavam de forma generosa o seu percurso. O que me levou a participar deste cartel foram as dúvidas sobre o tema, eu percebia uma aproximação do campo do feminino com o sinthoma, mas não conseguia justificar teoricamente e o cartel tem me ajudado a pensar sobre isso.

Me chamou a atenção que a grafia do sinthoma traz uma letra a mais. Lacan, certamente, procurou com essa letra tocar onde a primeira escrita do sintoma não tocava. Assim, o real da letra efetua a partilha entre o legível do significante e o ilegível, que, pelo próprio obstáculo à leitura, apresenta-se como objeto de estudo aos universitários que se dedicam à obra de Joyce há décadas e por muito tempo ainda, conforme o voto expresso pelo próprio escritor. A letra está fora do registro das representações, é pura materialidade. Sintoma-letra não é sintoma-metáfora. Interessante notar que a escrita de Joyce, ao atentar contra a lei da linguagem e contra sua ordem, zomba da *norma macho* (*norme mâle*) cujo fundamento linguageiro é propício para sustentar o universal. Universal, aqui, deve ser entendido como aquilo que, do gozo do lado macho, está totalmente articulado à castração como função da linguagem, não sem tomar seu suporte de uma existência que, ali, faz exceção.^[2]

Nessa orientação, para Lacan o sintoma, como formação linguageira cavilhada ao inconsciente que desvela efeitos de verdade, é diferente do *sinthoma*, o qual não diz nada a ninguém, não há verdade e cujo gozo *existe* na exclusão do sentido. Uma vez, em uma análise, que se dissipe o sintoma que contorna o falasser, haverá o ilegível, no real que se demonstra como impossível: gozo opaco por excluir o sentido. Término da decifração. É um furo. Trata-se assim, de um uso do significante fora do que se espera de um significante, em seu estatuto de letra fora-do-sentido, que descarta o uso retórico próprio ao significante quando ele se monta em discursos.

A partir deste procedimento, com o uso da lógica, Lacan abriu uma via para extrair o feminino do todo fálico, fazendo valer que o gozo feminino é não-todo *fálico*. Cada mulher, uma a uma, tem um gozo que ela experimenta, mas do qual nada sabe. Esse gozo que é suplementar, e não complementar ao falo, mas para além do falo, se localiza no corpo. Contrariamente ao gozo fálico que é fora do corpo. Então, uma parte desse gozo do falasser feminino, que Lacan esclarece que não é exclusivo das mulheres, é um gozo real, pois ele escapa à fragmentação, à anulação, à compatibilidade operada pela linguagem a título de castração.

No curso O Ser e o Um^[3] no capítulo V, Jacques-Alain Miller indica que o que abriu as portas para o Último e o Últimíssimo ensino, o que permitiu Lacan contra o próprio Lacan, foi o que ele chamou de gozo feminino.

Foi nesse sentido que o próprio Lacan arrancou algo de si mesmo. Em seguida, depois de Lacan ter aberto essa via relativa ao gozo feminino, ele irá mais longe a fim de reconhecer ali o estatuto do gozo como tal. Ao generalizar a fórmula do *nem todo x, não Phi de x*, ele pôde extrair a perspectiva do *sinthoma*. Encontramos a corda que religa *sinthoma* e feminização pelo viés de um gozo que, por ser real, escapa à linguagem e à castração. Realizar-se enquanto *sinthoma* feminiza o LOM, que tem um corpo, seja qual for a sua anatomia.^[4]

Assim o registro da linguagem, do discurso está ligado a uma norma do registro do interpretável, do sentido. E o que escapa dessa ordem é opaco ao sentido. É um núcleo duro não interpretável, ponto que Freud já havia mencionado em *Análise terminável e interminável*^[5] que se relaciona ao feminino, o repúdio a castração.

Sinthoma, letra, *lalangue*, escrita do nó, noções que dizem respeito à passagem do analisável ao que resta inalisável. Lacan propõe uma nova identificação, diferente das outras que estavam no registro da alienação ao Outro. Identificação ao *sinthoma*, fazer com o que resta da análise.

Prescindir do Nome do Pai na condição de se servir dele. É fazer com o incurável do sintoma, porque se espera do sujeito uma nova posição no encontro com o Outro. Ao final do ensino de Lacan, o *sinthoma* que aprendemos de Joyce não apresenta estatuto de disfunção, pelo contrário, se coloca como uma função, como uma maneira de gozar do inconsciente.

Nesse momento do cartel proponho algumas questões para continuar minha pesquisa: Seria o feminino algo do incurável de cada um? O final de uma análise seria consentir com o feminino e isso levaria a uma mutação do gozo?

REFERÊNCIAS

^[1] Cartel SINTHOME: Ana Paula Resende (GO), Anna Rogéria Nascimento de Oliveira (GO), Fabiana Frattari (GO), Rosangela Ribeiro (GO) e o mais Um, José Gregório (Espanha).

^[2] SOLANO, E. S. (2022) *Sinthome e Feminização*. Disponível em:
<https://www.grandesassisesamp2022.com/pt-br/sinthome-y-feminizacion/>

^[3] Miller, J.A. (2011) *O Ser e o Um*. Seminário inédito.

^[4] SOLANO, E. S. (2022) *Sinthome e Feminização*.
<https://www.grandesassisesamp2022.com/pt-br/sinthome-y-feminizacion/>

^[5] Freud, S. (2018). *Análise terminável e interminável*. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, p. 274-326). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)

Entre a falta-a-ser do sujeito e o gozo do corpo do falasser^[1]

Rodrigo Oliveira dos Santos

rodrigoliveiradosantos@hotmail.com

Lacan^[2] se serviu da linguística, pois a matematização inscrita na função dos pares em oposição, compostos pelos fonemas, nos leva aos principais fundamentos da doutrina freudiana da psicanálise. A letra recai na estrutura dos fonemas da fala, com função simbólica que leva à metáfora, ao deslocamento simbólico e à neutralização dos sentidos com as diferentes possibilidades de associação. Assim, o processo analítico podia “restituir à fala seu pleno valor de evocação”^[3].

Tomada como equivalente ao significante, a articulação da letra, própria do inconsciente, permite uma elisão, instala a falta-a-ser na relação de objeto^[4]. Como letra, o significante materializa uma falta radical, a morte não como fim da vida, mas como indeterminação do sujeito em sua historicidade, fórmula fornecida por Heidegger^[5].

Na dimensão da falta, do vazio da castração, Lacan^[6] afirma que a fala plena não se adequa a um determinado objeto, mas a ela mesma, ao próprio vazio do sujeito. Mais do que efeito de realidade, ela tem efeito de verdade, de “reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir”^[7].

Para Miller^[8], a característica de cifração e decifração do inconsciente possibilita a satisfação com isso do significante que instala uma falta-a-ser. Durante a primazia do simbólico, o sintoma é uma tradução do recalque, o sentido encarcerado produz sofrimento no sujeito. A satisfação encontrada na comunicação adviria da interpretação que visava ao reconhecimento simbólico da castração, à subjetivação da falta, à liberação do sentido que levava as identificações inertes do imaginário vacilarem. Entre os significantes, o lugar do sujeito é um lugar vazio, não se adequa a nenhuma norma, objeto ou enunciado.

Derrida^[9] entendeu que a ênfase dada por Lacan na letra, a partir da ordem simbólica, apesar de esvaziar o significado, tornando-o inadequado e separado do significante, equivalia a um discurso transcendental sobre a verdade. Não podendo ser partida, a letra sempre retorna ao lugar da castração, onde a verdade é incapaz de se disseminar e se perder. O significante isolado, símbolo do furo, da ausência, deixava intacto o lugar central da falta. O valor de velamento/desvelamento da letra afinava o discurso de Lacan com o discurso heideggeriano sobre a verdade pensada como não-ente, como um movimento de *aletheia*, de desvelamento do ser. A cena analítica envolveria desnudamento e desconstituição do véu em uma cena de escritura.

Miller^[10] entende que no *Seminário 4: as relações de objeto*, Lacan fez com que todas as necessidades do ser falante passasse pela demanda, pelo aparato comunicativo da linguagem. Ao depender de uma resposta do

Outro, a demanda é espiritualizada. O que satisfaz as necessidades é o significante, não a água para a sede, ou o alimento para a fome.

Para Miller^[11], em seu primeiro ensino, Lacan situou o corpo fora do simbólico, na ordem imaginária, onde a libido circula entre a e a' como libido do eu. O simbólico, por sua vez, visa ao sujeito e se satisfaz através do reconhecimento do Outro da fala como lugar do significante, como falta-a-ser, sem o gozo. O corpo é simbolizado, a pulsão é escrita como a relação do sujeito com a demanda, reduzida à articulação da cadeia significante.

Entretanto, Miller^[12] entende que, como em Freud a pulsão diz respeito a zonas particulares e aos objetos do corpo que se perde, o corpo passa a entrar no ensino de Lacan^[13] como gozo do objeto a , nas modalidades oral, anal, fálica, olhar e da voz. As zonas erógenas, os orifícios, os restos suplementares do corpo deixam lugar para exceções, escapam à mortificação do corpo pelo significante. O gozo residual do objeto a como mais-de-gozar se faz com o corpo. Se o objeto a é causa de desejo, o significante que tinha efeito de mortificação sobre o corpo, passa a ser causa do gozo do objeto a .

Na perspectiva do *sinthoma*^[14], significante e gozo não estão distintos como na fantasia. No lugar da falta-a-ser, do sujeito barrado que está do lado do Outro —, onde o significante mortificava o corpo, mas que depois libera do corpo o mais de gozar —, advém para Lacan^[15] o ser falante, onde o significante determina o regime de gozo passando ao nível da substância gozante. Com o falasser, o gozo do corpo, concomitante com o gozo da linguagem, não é anulado, mas sustentado pelo significante. O Outro não é um corpo mortificado, esvaziado de gozo, mas um corpo vivo, sexuado, assim como o corpo do falasser. O corpo passa a se constituir como parceiro sintoma, onde a palavra tem efeitos de gozo tanto sobre o corpo do ser falante como sobre o corpo do Outro.

Na teoria do parceiro sintoma de Miller^[16], na ausência da relação sexual, o Outro se torna sintoma do falasser, um meio de gozo, que se produz no corpo do Um, mas através do corpo do Outro. Tendo a masturbação como modelo, o gozo masculino é autoerótico, identificável ao órgão, mas também aloerótico, por incluir o Outro e se produzir como um ponto fora-do-corpo. Como o pequeno a é unidade de gozo separável, localizável e contabilizável, podendo até circular nos discursos em termos significantes, o corpo se revela também como corpo do Outro. No gozo fálico, a parceria se dá em silêncio, o parceiro sintoma tem a forma fetiche, corresponde a fantasia, a um brilho no nariz, ou contorno da bunda.

O gozo feminino, distintamente do gozo fálico, não está fora-do-corpo, produz-se no corpo, que é Não-Todo, não faz Um, é sem unidade e não está formado. O corpo próprio é outrificado, sendo a mulher outra para ela mesma, como aponta Miller^[17]. Do lado feminino, o parceiro-sintoma do falasser tem a forma *erotomaniaca*, tendo que se resolver na análise com uma demanda de amor absoluta, ilimitada e infinita. O corpo se abre a uma ilimitação que está além de tudo o que se pode trocar materialmente e que se pode oferecer como prova para que o Outro me ame.

REFERÊNCIAS

^[1] Cartel: INVESTIGAÇÕES ACERCA DA PSICOSE. Cartelizantes: Tânia Maria Alves-Prates (ES), Mais-Um. Carolina Cabral Quixabeira

(GO), Laisa Gonçalves Teixeira (GO), Renata Nascimento Pozzato (ES) e Rodrigo Oliveira dos Santos (GO).

[2] LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.286.

[3] *Ibidem*, p.296.

[4] LACAN, J. (1955). O Seminário sobre “A carta roubada”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.26.

[5] LACAN, J. (1953). op. cit., p.319.

[6] *Ibidem*, p.249.

[7] *Ibidem*, p.257.

[8] MILLER, J.-A. (2012). Os seis paradigmas do gozo. Disponível em: <http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf> Acesso em: 07.ago. 2025.

[09] DERRIDA, J. (1975) O carteiro da verdade. In : *O cartão-postal: de Sócrates a Freud e além*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.471.

[10] MILLER, J.-A. *El parternaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós, 2008, p.152.

[11] MILLER, J.-A. *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro, Zahar, 2015, p.75.

[12] *Ibidem*, p.82.

[13] LACAN, J. (1962-1963). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

[14] LACAN, J. (1975-1976) *Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

[15] LACAN, J. (1972-1973). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.30.

[16] MILLER, J.A. op. cit., p.92.

[17] *Ibidem*, p.93.

LUTO



Celacanto provoca maremoto^[1]

Juliana Borges Naves
julianaborgesnaves@gmail.com

Quando criança, descobri uma coisa impressionante: se eu repetisse, em sequência, uma mesma palavra, em algum momento, eu deixava de saber o que ela significava. Lembro de estar em um alpendre, repetindo alpendre, alpendre, alpendre, até que essa palavra se desprende de seu significado e virou uma coisa enigmática.

Tenho me perguntado se a morte não tem essa mesma natureza. Do quanto é possível se aproximar dela sem que o que há de imaginário e simbólico se desfaça, restando, enfim, o sem sentido do Real. Penso nisso tendo em vista algumas pessoas amadas que perdi e do que ocorre quando recordo cada uma dessas mortes, cujas considerações acabam confluindo para o mistério.

Por mais de uma vez, em seus escritos, Freud apontou que a morte é irrepresentável no inconsciente. Em *Reflexões para os tempos de guerra e morte*^[2], ele afirma que, ainda que sejamos capazes de falar da morte como uma coisa esperada e inerente à existência, tal naturalidade é só da boca pra fora. Isso porque temos “uma tendência inegável para pôr a morte de lado, para eliminá-la da vida”.^[3] Freud alega que “é impossível imaginar a própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes, como espectadores”.^[4] E conclui: “no fundo, ninguém crê em sua própria morte ou, dizendo a mesma coisa de outra maneira: cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade”.^[5]

A irrepresentabilidade da morte, no inconsciente, se relaciona à impossibilidade de conceber o próprio fim como um aniquilamento. Segundo Freud:

o inconsciente desconhece tudo o que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições coincidem. Por esse motivo, não conhece sua própria morte, pois a isso só podemos dar um conteúdo negativo. Assim, não existe nada de instintual em nós que reaja a uma crença na morte.^[6]

Nessa lógica, o que experimentamos como medo da morte, seria “algo secundário e, via de regra, o resultado de um sentimento de culpa”.^[7]

1 A frase “Celacanto Provoca Maremoto” é uma referência cultural, ligada ao seriado japonês National Kid, que se tornou famosa a partir de pichações feitas no Rio de Janeiro, nos anos 70. É uma metáfora para expressar que algo antigo ou considerado extinto pode retornar de forma surpreendente. É também o título de uma das obras da artista plástica Adriana Varejão, exposta em Inhotim, um dos maiores museus a céu aberto do mundo, localizado em Brumadinho-MG.

Freud observa que a experiência da guerra nos impede de manter o tratamento habitual que damos à morte como um fato ocasional, já que a negação acaba cedendo ante a realidade de tantas centenas de mortos e à iminência da perda de alguma pessoa querida.

Ele revela que a morte dos outros guarda um caráter ambivalente, já que, mesmo o objeto mais amado, mantém um elemento estranho ao nosso narcisismo, tendo sido, por vezes, um objeto também odiado. Nesse contexto, a perda de alguém sempre impõe ao sujeito certo acerto de contas com essa ambivalência.

O que vai do sujeito na perda do outro e o que resta do outro em cada um é uma das questões que têm me rondado, a qual espero decifrar ao longo da minha investigação em Cartel.

Em Donc (2011), Miller se refere às inúmeras perdas de objeto, como “experiências de morte”:

Lacan considera essa morte, se pensarmos clinicamente em termos de desenvolvimento, como algo vivenciado no curso da vida. Há uma experiência de morte na vida. Ou seja, o que ele chama aqui de morte, marca todas as experiências de perda e separação que o sujeito experimenta no curso do desenvolvimento.^[8]

Nessa lógica, o nascimento é citado como a primeira experiência de separação entre o sujeito e o outro, vivido mesmo como trauma. A impotência, provocada pela prematuração em que nascemos, também figura como experiência de morte em vida, bem como o desmame e as separações que o sujeito experimenta em relação a diversos outros objetos, que demandam dele a elaboração de sucessivos lutos.

O processo de alienação e separação, estruturantes da constituição subjetiva, determinam a dinâmica entre o Eu e seus objetos: o movimento de consentir a alienar-se ao desejo do Outro, a identificar-se, para então separar-se, não sem a perda que tal separação provoca.

Nessa lógica, cogito aqui uma pista para minha pergunta. Pode ser que a parte do Eu, identificada ao objeto, acompanhe sua perda, provocando efeitos no narcisismo.

Conforme Miller, Lacan aponta a morte como a chave para o fim de análise. Não na via de uma conclusão, como: “então eu sou mortal”, mas como uma “experiência limite” que Lacan nomeia como “assunção da morte”. Segue Miller:

Se pudermos dar uma fórmula panorâmica do ensino de Lacan sobre o fim de análise ou sobre a morte, seria passar de um certo imaginário patético sobre a morte para sua logificação, de uma morte imaginária para uma morte lógica.^[9]

Isso me leva a pensar no final de análise não como um aprendizado ou um encontro com o saber, mas como a emergência e o assentimento a uma categoria outra, fora do sentido. Talvez o cerne do fim de análise seja a possibilidade de uma desalienação radical, a partir da queda de um objeto último, mas não o último, na história de vida de um sujeito.

REFERÊNCIAS

- [1]Cartel: Morte e luto em psicanálise. Cartelizantes: Carlos Alberto de Sá Barros Júnior (GO), Mais-Um. Carlos Alberto de Sá Barros Júnior (GO), Juan David Almeyda Sarmiento (DF) e Juliana Borges Naves (GO), Rafael Leite Mendonça (ES).
- [2]FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). Em: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 285-309.
- [3]Ibidem, p.299.
- [4]Ibidem, p.299.
- [5]Ibidem, p.299.
- [6]Ibidem, p.306.
- [7]Ibidem, p.307.
- [8]MILLER, J.A. La asunción de la muerte. Em: *Donc*. Buenos Aires: Paidós, 2011. pp. 131-47 147.
- [9]Ibidem, p.131-132.

Inícios de uma topologia do impossível: o real, o luto e o espectro^[1]

Juan David Almeyda Sarmiento

juanalmeyda96@gmail.com

O presente manuscrito tem como objetivo expor os elementos iniciais de uma pesquisa em andamento no cartel *Morte e luto em psicanálise*. Portanto, o que aqui se apresenta inscreve-se no campo do que está em construção, com tudo o que isso implica em termos de possíveis erros, lacunas ou aspectos a serem revistos à medida que a pesquisa avança.

Busca-se retomar a tese exposta em *Luto e melancolia*^[2] sobre o trabalho de luto nos sujeitos, a fim de compreender como essas experiências de perda são atravessadas por um componente existencial no qual o ser humano se confronta com o real que as habita. Tais experiências excedem a dimensão de um simples reinvestimento libidinal diante do objeto perdido, como formulado por Freud, pois implicam também uma confrontação ética do sujeito com a sua própria história — seu passado, seu presente e seu futuro —, tornando possível a reelaboração e a configuração de novas formas de habitar o mundo, como sublinha Recalcati^[3] no seu estudo sobre o luto. Nesse sentido, a perda não é entendida como negação do acontecido, mas como uma *superação* dialética.

A partir dessa perspectiva, torna-se necessário retomar a figura do fantasma, que surge como um elemento capaz de articular o real e o simbólico da perda, contribuindo assim para os processos de elaboração acima descritos. Isso se deve à natureza espectral do fantasma: um (não)ente caracterizado por ser uma presença ausente, uma figura temporal que, por meio de sua não-presença, irrompe na linearidade cronológica do sujeito com uma demanda que, se não for escutada, prolonga o assédio sobre aquele que é perseguido.

Assim, como assinala Jacques Derrida^[4], o fantasma comumente aparece na experiência do luto para perseguir os vivos — aquelas pessoas com quem ele considera ter contas pendentes —, a fim de poder descansar em paz. Seguindo essa ideia, o fantasma está associado às perdas do sujeito e faz parte de uma dinâmica hauntológica na qual a perda produz efeitos *nachträglich* (com postergação) que geram mal-estar no indivíduo:

Uma obra-prima sempre se move, por definição, à maneira de um fantasma. A Coisa obsidiana, por exemplo, ela conversa, habita sem residir, sem jamais aí confinar-se, as numerosas versões desta passagem, «The time is out of joint»^[5].

O fantasma, desse modo, é um não-ser que surge *nachträglich* e circunscreve o real da experiência da perda, abrindo espaço para uma ponte com o simbólico, já que o fantasma sempre traz consigo uma mensagem a ser ouvida e acolhida a partir da linguagem hauntológica. O luto, nesse sentido, implica um diálogo com o fantasma, uma prática com essa figura que convoca o sujeito a reelaborar por meio da injeção de simbólico que o ato de falar com esse não-ser supõe.

Dessa forma, o que se tem no luto é uma experiência em que o sujeito se vê diante da necessidade de simbolizar para poder enfrentar o real que o invade. Essa simbolização é realizada por meio da figura do fantasma, distinta da visão proposta por Lacan¹, pois é precisamente no luto que essa figura adquire maior incidência: como não-ser temporal, o fantasma atravessa todas as fissuras para produzir (más) formações no passado e no presente do sujeito, ao mesmo tempo em que afeta o seu futuro. O fantasma constitui, assim, um esforço de recorrer ao simbólico como registro capaz de abrir sentido na experiência-limite, para além do mero exercício imaginário que pode envolver o luto — exercício imaginário que, este sim, se associa ao *fantasma* (fantasia) lacaniano.

O real, enquanto aquilo que é irrepresentável, é contornado pelo próprio sujeito e assume a forma de uma figura subjetiva que é fronteira: o fantasma ocupa uma posição privilegiada entre o real, o simbólico e o imaginário, permitindo entrelaçar tudo como uma ponte e possibilitando que o luto se aproxime da linguagem. Não se trata apenas de uma fantasia, mas de um exercício metafórico que se realiza para tecer a experiência-limite em direção a um luto no qual a injeção do simbólico constrói um porvir baseado na reelaboração da perda. O real é aqui contornado pela metáfora, mas também pelo componente ético dessa metáfora específica, uma vez que o fantasma é um não-ser ético que deve ser escutado para que a paz possa advir. Importante a questão do fantasma e o simbólico, já que, como indica Lacan:

o importante é que esse animalzinho humano seja capaz de se servir da função simbólica graças à qual, como lhes expliquei, podemos fazer entrar aqui os elefantes seja qual for a estreiteza da porta^[7].

É por isso que se fala em uma topologia do impossível, já que o fantasma, por essência, situa-se em um não-lugar, em uma fronteira flutuante. Daí que, quando aparece na experiência-limite da perda, esteja ainda mais imbuído da impossibilidade, pois se encontra em um território do impossível que é o real. Mesmo assim, torna-se possível permitir a emergência da linguagem para criar um novo sentido no sujeito, por meio de um trânsito em direção ao simbólico, na tentativa de tornar o luto possível — não como conclusão, mas como um *continuum* que nunca cessa, já que o fantasma não desaparece: ele apenas se transforma, como diz Freud em *Totem e tabu*^[8], a propósito do demônio que se converte em ancestral protetor:

Quando isto é conseguido [o luto], o sofrimento diminui e, com ele, o remorso e as autocensuras e, conseqüentemente, também o medo dos demônios. E os mesmos espíritos que inicialmente foram temidos como demônios podem agora esperar encontrar um tratamento mais amistoso; são reverenciados como ancestrais e lhes são dirigidos apelos em busca de ajuda^[9].

1 Um esclarecimento, o conceito de “fantasma” aqui utilizado traduz *fantôme* (termo usado por Derrida), distinto do conceito de “fantasma” (*fantasme*) empregado por Lacan^[6]. O primeiro refere-se a um conceito que alude à memória, ao tempo e à alteridade, sendo utilizado para se referir a um tipo particular de experiência que ocorre principalmente nos processos de luto; por sua vez, o fantasma lacaniano, cuja tradução mais acertada seria fantasia, refere-se, de forma geral, a uma estrutura que organiza de uma maneira determinada o desejo do sujeito em sua relação com a falta que o constitui. Embora seja verdade que ambos os termos podem se relacionar, para este texto utiliza-se o *fantôme* como uma maneira de borderar o real.

REFERÊNCIAS

- ^[1]Cartel: Morte e Luto em Psicanálise. Cartelizantes: Carlos Alberto de Sá Barros Júnior (DF), Mais-Um. Juan David Almeyda Sarmiento (DF), Juliana Borges Naves (DF) e Rafael Leite Mendonça (DF).
- ^[2]FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução de César de Souza. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.
- ^[3]RECALCATI, Massimo. *La luz de las estrellas muertas: ensayo sobre el duelo y la nostalgia*. Tradução de Carlos Gumpert. Barcelona: Anagrama, 2025.
- ^[4]DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- ^[5]Ibidem, p. 35.
- ^[6]LACAN, Jacques. *O seminário, livro 14: a lógica do fantasma*. Tradução de Teresinha N. Meirelles do Prado. Rio de Janeiro: Zahar, 2025.
- ^[7]LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- ^[8]FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Tradução de José Etcheverry. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v. 13. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 1-164.
- ^[9]Ibidem, p. 71.

arte como partenaire-sintoma^[1]

Stephanie Oliveira Boechat

Stephanieoliveiraboechat@gmail.com

Durante um dos encontros do cartel fulgurante proposto para as VI Jornadas EBP-SLO, escolhi uma questão diante das várias que emergiram durante as discussões: é possível pensarmos a arte como parceiro-sintoma? A arte estaria associada a um modo de gozo que não cessa de tentar se escrever?

Diante disso, já no início da elaboração da questão me deparei com um desencontro radical, o da nomeação. O que podemos chamar de arte? Existe diferença entre arte e obra?

Nessa dialética, pensamos o conceito de arte como o próprio processo, eterno gerúndio, assim como na proposição do signo para Saussure (apud Cunha, 2008), como relação de valor entre significante e significado, presente no momento de seu uso^[2]. Logo, a arte comportaria a intenção da produção, a qual na tentativa de buscar dar corpo à coisa inventiva, acaba por sustentar o furo, o resto entrópico para além do material produzido. A obra, por conseguinte, nasce como um produto material público. É nesse cenário ambivalente que o sujeito aparece de relance, no instante em que “faz com” suas peças soltas, numa espécie de bricolagem^[3].

Isto posto, me parece que a arte carrega em seu umbigo algo do infantil, da experimentação com o desejo, como à nível de causa, muito além da representação. Assim, será que podemos pensar numa aproximação da arte com o objeto a, causa de desejo, este que carrega a dubiedade de ser horizonte e ponto de partida?

Esse encontro desencontrado da arte, seu produto e quem a produz, me faz pensar na possibilidade de relação com o nó borromeano evidenciado por Lacan: os enlaçamentos entre o que é simbolizável e aquilo que sempre escapa. Talvez indo um pouco mais longe, possamos retornar à relação sexual para Freud, na qual o encontro com o outro possibilita uma boa relação com o gozo, uma satisfação, mesmo que parcial. Em contraponto, para Lacan em seu aforisma “não há relação sexual”, podemos tomar a arte como ‘partenaire’, um artifício como via ao que é impossível de escrever, mas que está inscrito - um corpo infamiliar. Sendo assim, retorno para avançar, é possível pensar a arte como parceiro sintoma?

De acordo com Miller em *O osso de uma análise* “o parceiro se funda sobre a relação ao nível do gozo. (...) a relação do parceiro supõe que o Outro torna-se o sintoma do falasser, isto é, torna-se um meio de seu gozo”^[4]. Dessa forma, o encontro com esse gozo traz uma ambivalência entre seus aspectos mortíferos, como uma compulsão alienante, ao passo que evidencia, simultaneamente, uma

relação vivificante do sujeito. Isto posto, articular a arte como *partenaire-sintoma*^[5], como um meio de gozo, uma vez que ainda em Miller “o sintoma não se ultrapassa, (...) não o fazemos cair (...) temos que viver com ele, como se diz em francês *faire avec*”^[6].

Diante disso, lembro-me da análise de Lacan sobre o caso Joyce, discutida entre os membros do cartel e como o real comparece em sua escrita. Joyce, ao buscar um saber fazer com seu sintoma, usa do *sinthome*, da particularidade do gozo, para elaborar uma forma de costura com as palavras, uma ‘partenariat’ (aliança) com isso que poderia ser tomado como loucura; Joyce com o artifício da escrita, tange o real do sintoma e vai além do sentido - faz uso do *non sense* material para alinhar a linguagem.

Nesse viés, penso na obra literária “Cem Anos de Solidão” de Gabriel Garcia Marquès^[7]. Na qual, a personagem Amaranta, após o encontro com o impossível do sexo e sua conseguinte denegação, parte para a confecção de sua própria mortalha. A personagem parece encontrar na concretude da tecedura um meio de fazer com a angústia, a partir da constituição do objeto, que marca a tentativa de simbolizar esse encontro iminente com o real do gozo, agora, como meio vivificante a partir de uma identificação com a morte.

Nessa perspectiva, a personagem transpõe sua posição diante da morte, assumindo-a como matéria prima da vida. Dessa forma, levando em consideração que o *sinthome*, está ligado ao real do gozo, isso que não é simbolizável, parece que através da arte como arte(o)fício seria possível uma articulação do sintoma partindo deste ‘umbigo do gozo’. Isto posto, a elaboração do sujeito sobre seu sintoma se mostra, em alguns casos, independente do processo analítico, uma vez que o fazer artístico desmama o sujeito do sentido, evidenciando a arte como causa de desejo, associada a um real imaginário.

Dessa forma, parece que o *sinthome* se apresenta onde há a demissão do pai (efeito de lei) e a partir do desenvolvimento dessa parceria sintomática, possibilita que esses restos de gozo tomem a cena, dando contorno ao real a partir da ausência de sentido. A luz não estaria na margem, mas no furo que ela sustenta. Um real que me parece que só é possível na arte ou na morte.

Para finalizar, indo um pouco mais longe e deixando restos para o futuro, nos últimos seminários de Lacan, quando este discorre sobre a natureza feminina do gozo (não todo) faço a seguinte indagação: estaria a arte referida ao campo da mulher?

REFERÊNCIAS:

[1] Cartel fulgurante: Arte, política e *sinthome*. Cartelizantes: Anna Rogéria Nascimento de Oliveira (GO), Mais-Um, Laura Assis (GO), Marcelo Macaue (SP), Nathália Aguiar (GO) e Stephanie Boechat (ES).

[2] Cunha, R., B. (2008). *A relação significante e significado em Saussure*. ReVEL, (especial). n.2

[3] Miller, J. A. (2007). *Piezas sueltas*. Freudiana: Revista psicoanalítica publicada en Barcelona bajo los auspicios de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis, (50), 7-37.

[4] MILLER, J. A. (1998). *O osso de uma análise*. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise-Bahia, (especial), p. 88

^[5] MILLER, Miller, J. A. (2008). *El partenaire-síntoma*. Buenos aires: Paidós.

^[6] Ibidem (8, p. 90).

^[7] MÁRQUEZ, G. G. (2019). *Cem anos de solidão*. Editora Record.



PROGRAMA

V Jornada de
CARTEIS
DA EBP SEÇÃO
LESTE-OESTE

O Cartel e a formação do analista

Convidada:

LAURA RUBIÃO

(DIRETORA DE CARTÉIS DA EBP)

Coordenadora Geral:

Tânia Regina A. Martins

EBP/AMP

Direção Geral:

Alberto Murta

AME EBP/AMP

PROGRAMA

28 e 29 de novembro



Programa das V Jornadas de Cartéis da Seção Leste-Oeste

SEXTA | 28/11

20H | ABERTURA

Cristiano Alves Pimenta Membro EBP/AMP
Presidente do Conselho da Seção Leste-Oeste

Alberto Murta AME EBP/AMP
Diretor da Seção Leste-Oeste

Tânia Regina Anchite Martins Membro EBP/AMP
Coordenadora das V Jornadas de cartéis da Seção Leste-Oeste

20H30 | CONFERÊNCIA COM LAURA RUBIÃO

DIRETORA DE CARTÉIS DA EBP) MEMBRO EBP/AMP

Título: “O cartel e a Formação do Analista”

MESAS SIMULTÂNEAS

SÁBADO | 29/11

MESA 1 (9H ÀS 10H30)

SALA A – FEMININO

Tânia Mara Alves Prates ■ Três mil anos de anseio

Olenice Amorim Gonçalves – Restos e seus usos

Daniel Camelo Rancan ■ Das terras-pedras aos laços de uma seção: coletânea

Coordenação: Jaqueline Coelho (EBP/AMP)

SALA B – PSICANÁLISE COM CRIANÇAS

Maísa Helena Lopes Rabelo – A importância dos pequenos mitos na clínica infantil

Juliana D. Passamani Romano ■ O desejo do analista e a clínica com crianças na atualidade: considerações a partir dos estudos de um cartel

Sheila Cordeiro Souza Moreira ■ O corpo que fala: das entrevistas ao sintoma na criança

Fabiana Teixeira de Oliveira Westphal ■ O desejo do analista e a clínica psicanalítica com as crianças

Coordenação: **Ceres Lêda F. F. Rúbio EBP/AMP**

SALA C – SINTHOME E FEMININO

Hítala Gomes ■ A mulher e a mãe: da frustração à devastação

Anna Rogéria N. de Oliveira (EBP/AMP) ■ Sinthoma e feminino: algumas aproximações

Rodrigo Oliveira dos Santos ■ Entre a falta-a-ser do sujeito e o gozo do corpo do falasser

Coordenação: **Cristiano Pimenta (EBP/AMP)**

MESA 2 (10H40 ÀS 12H)

SALA A – FORMAÇÃO E DESEJO DO ANALISTA

Adriano Moreira ■ Efeitos de formação do analista a partir de um testemunho de passe

Gean Carlos Candido ■ O desejo do analista e a poesia: restos de um cartel

Denizye Aleksandra Zacharias (EBP/AMP) ■ Uma formação-uma experiência

Carlos Alberto de Sá Barros Júnior ■ A presença do Analista na clínica das psicoses: Há presença?

Coordenação: **Alberto Murta (AME EBP/AMP)**

SALA B – CORPO

Tânia Regina Anchite Martins (EBP/AMP) – Hans e ter um corpo

Marcelo Macaue ■ Eu, comigo mesmo na terceira pessoa do plural

Patrícia Marinho Gramacho ■ A mãe da devastação

Leandro Borges: Foraclusão, letra e invenção. A posição do secretário do alienado

Coordenação: **Fábio Paes Barreto (EBP/AMP)**

SALA C – LUTO

Juliana Borges Naves ■ Celacanto provoca maremoto

Juan David Almeyda Sarmiento ■ Inícios de uma topologia do impossível: o real, o luto e o espectro

Stephanie Oliveira Boechat ■ arte como partenaire-síntoma

Coordenação: **Ary Farias (EBP/AMP)**

MESA 3 (14H ÀS 15H20)

SALA A – A FORMAÇÃO DO ANALISTA

Nadja Martins ■ O passe como caminho inédito para a transmissão da psicanálise.
O que se pode extrair de sensível e consistente para o ponto final de uma análise?

Cícero Dufrayer Chicon ■ A Escola, o discurso e o jovem aluno

Daiane Ossuna Ribeiro Ruiz ■ Sobre o cartel e os efeitos da experiência NPJ

Cléa Martins Machado de Oliveira ■ O lugar da coletânea no movimento de Escola

Coordenação: **Giovanna Quaglia (EBP/AMP)**

SALA B – FANTASMA

Randra Machado Gondouin – O ensino dos sonhos

Lucas Fraga Gomes – Sobre lógica e nuances

Elisa Martins Uyttenhove ■ Do ódio ao amor

Coordenação: **Renato Vieira (EBP/AMP)**

15H30 | ENCERRAMENTO

Tânia Regina Anchite Martins

coordenadora das V Jornada de cartéis Membro EBP/AMP

Anna Rogéria N. de Oliveira

coordenadora da Comissão científica Membro EBP/AMP